



**José Antônio Corrêa**

*A Ceia do Senhor:*  
**BÊNÇÃOS E ENSINAMENTOS**

**IGREJA BATISTA DE VIRADOURO**

## **A CEIA DO SENHOR, BÊNÇÃOS E ENSINAMENTOS**

Uma das ordenanças de Jesus Cristo para a sua igreja, foi a Ceia do Senhor! Trata-se de uma celebração, um memorial, uma lembrança, que reporta aos momentos cruciais de seu ministério rumo à cruz. Ela foi instituída pelo Senhor “na noite em que foi traído” (1Co 11.23), e deve ser celebrada pelos filhos de Deus, até ao dia do arrebatamento da igreja. Os dois elementos envolvidos, pão e vinho, nos falam do corpo do Senhor que foi partido, e de seu sangue derramado pelos nossos pecados.

Edição - 2022

Transcrição, revisão e estilização:

José Antônio Corrêa

Igreja Evangélica Batista de Viradouro

Rua São João, 910

Bairro Centro

14740-000 Viradouro, SP

Contato pelo Telefone: (0xx17) 3392 -1296

[www.ibvir.com.br](http://www.ibvir.com.br)

E-mail: [correa248@hotmail.com](mailto:correa248@hotmail.com)

Capa: Betânia Gasparine Cardoso Catânio

## ÍNDICE

|                                                                                           |            |
|-------------------------------------------------------------------------------------------|------------|
| <b>INTRODUÇÃO .....</b>                                                                   | <b>005</b> |
| <b>I. ATRAVÉS DA CEIA DO SENHOR, VEMOS CLARAMENTE O AMOR DE DEUS .....</b>                | <b>008</b> |
| <b>II. ATRAVÉS DA CEIA DO SENHOR, JESUS NOS MOSTRA O CARÁTER DE SUA MISSÃO .....</b>      | <b>020</b> |
| <b>III. ATRAVÉS DA CEIA DO SENHOR, JESUS NOS FAZ ENTENDER NOSSA MISSÃO .....</b>          | <b>028</b> |
| <b>IV. ATRAVÉS DA CEIA DO SENHOR, APRENDEMOS A LIDAR COM O NOSSO HOMEM INTERIOR .....</b> | <b>035</b> |

|                                                                                                                        |            |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------|
| <b>V. ATRAVÉS DA CEIA DO SENHOR,<br/>JESUS NOS TRANSMITIU NOVOS<br/>PRINCÍPIOS, BASEADOS NO AMOR DE<br/>DEUS .....</b> | <b>061</b> |
| <b>CONCLUSÃO .....</b>                                                                                                 | <b>169</b> |

## INTRODUÇÃO

Todos nós sabemos que a celebração da Ceia do Senhor, é uma das doutrinas mais importantes e significativas para os seguidores de Cristo, e sua igreja. Foi o próprio Senhor na noite de sua traição, quem transmitiu esse mandamento aos seus discípulos, conforme o registro dos evangelhos. Um dos textos que fala sobre a instituição da Ceia pelo Senhor está no Evangelho de Lucas,

Lc 22.19-20, “19 E, tomando um pão, tendo dado graças, o partiu e lhes deu, dizendo: Isto é o meu corpo oferecido por vós; fazei isto em memória de mim. 20 Semelhantemente, depois de cear, tomou o cálice, dizendo: Este

é o cálice da nova aliança no meu sangue derramado em favor de vós”.

Sobre essa doutrina fundamental para a fé cristã, devemos considerar também de suma importância o que Paulo escreveu em sua Carta aos coríntios, acentuando que essa doutrina veio por mandamento do Senhor e não por ensino de homens – “23 Porque eu recebi do Senhor o que também vos entreguei: que o Senhor Jesus, na noite em que foi traído, tomou o pão; 24 e, tendo dado graças, o partiu e disse: Isto é o meu corpo, que é dado por vós; fazei isto em memória de mim. 25 Por semelhante modo, depois de haver ceado, tomou também o cálice, dizendo: Este cálice é a nova aliança no meu sangue; fazei isto, todas as vezes que o

beberdes, em memória de mim”, 1Co 11.23-25.

Observe a expressão de Paulo: “Eu recebi do Senhor, o que também vos ensinei”. Em outras palavras ele afirma que estava simplesmente transmitindo um ensinamento recebido do próprio Senhor!

O que queremos mostrar no presente estudo é que, através da Ceia, Jesus abençoa sua igreja de forma especial. A partir do texto que lemos inicialmente, que trata de um episódio que aconteceu pouco antes da ministração da última Ceia do Senhor com seus discípulos, quero descrever um pouco, sobre como Jesus nos abençoa através dessa ordenança tão importante e vital para sua igreja.



# **I. ATRAVÉS DA CEIA DO SENHOR, VEMOS CLARAMENTE O AMOR DE DEUS**

“Tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até o fim”, v.1.

De que maneira Deus nos amou?

a) Deus nos amou com amor incondicional. Como discípulos de Cristo, precisamos saber e crer que o amor de Deus por nós, é imensurável e incondicional. Deus nos amou e nos ama, ainda que não venhamos a corresponder o seu amor por nós,

Rm 5.8, “Mas Deus prova o seu próprio amor para conosco pelo fato de ter Cristo morrido por nós, sendo nós ainda pecadores”.

O presente texto nos mostra que quando éramos pecadores, infiéis e ingratos, e ainda, separados da graça de Deus, ele manifestou seu amor por nós. Ou seja, o amor de Deus pelo homem independe de nossa reciprocidade – “... esse viver que, agora tenho na carne, vivo pela fé no Filho de Deus, que me amou e a si mesmo se entregou por mim”, Gl 2.20.

Um exemplo de seu amor pelos pecadores está na cruz, pois, enquanto agonizava, e devido, Jesus pode perdoar seus algozes – “33 Quando chegaram ao lugar chamado

Calvário, ali o crucificaram, bem como aos malfeitores, um à direita, outro à esquerda. 34 Contudo, Jesus dizia: Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem. Então, repartindo as vestes dele, lançaram sortes”, Lc 23.33-34.

João fala de maneira prática em sua carta como Deus nos amou muito antes de nós o amarmos – “Nós amamos porque ele nos amou primeiro”, 1Jo 4.19. Porém, algo que precisamos destacar é que, ainda que nós não venhamos a amá-lo, ele certamente nos amará!

b) Deus nos amou com amor sacrificial. Como discípulos de Cristo, precisamos também entender que o amor de Deus é sacrificial. O

grande sacrifício de Deus foi o fato de ele ter enviado seu Filho Unigênito para morrer pelos pecados do mundo inteiro,

Jo 3.16, “Porque Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna”.

Jesus morreu, não porque os romanos e judeus o condenaram à morte. Foi ele, de livre e espontânea vontade que se entregou ao sacrifício por nós,

Is 53.7, “Ele foi oprimido e humilhado, mas não abriu a boca; como cordeiro foi levado ao matadouro; e, como ovelha muda perante os seus tosquiadores, ele não abriu a boca”.

Observe as expressões: “como cordeiro foi levado ao matadouro” e “não abriu a sua boca”. Essas expressões denotam uma entrega total do Salvador. Em seu caminho à cruz, Jesus não murmurou, não reclamou! Mas, resignado carregou sua cruz rumo à morte – “Tomaram eles, pois, a Jesus; e ele próprio, carregando a sua cruz, saiu para o lugar chamado Calvário, Gólgota em hebraico, onde o crucificaram”, Jo 19.17-18.

Sobre esse tremendo amor de Deus por nós, ao ponto de não poupar seu único Filho, quando o entregou por nós, Paulo escreveu aos romanos: “Aquele que não poupou o seu próprio Filho, antes, por todos nós o entregou,

porventura, não nos dará graciosamente com ele todas as coisas?”, Rm 8.32.

O verbo “poupar” vem da palavra grega “pheidomai”, que significa “não se absteve”, “não deixou de fazer”. Na BLH temos a seguinte tradução para este versículo: “ele nem mesmo deixou de entregar o próprio Filho, mas o ofereceu por todos nós”.

O próprio Senhor Jesus tinha total consciência de sua morte sacrificial, e se entregou a ela,

Gl 1.4, “o qual se entregou a si mesmo pelos nossos pecados, para nos desarraigar deste mundo perverso, segundo a vontade de nosso Deus e Pai”.

c) Deus nos amou com amor Proposital. Como discípulos de Cristo, precisamos também entender que o amor de Deus não foi sem proposito. Desde o principio do mundo, Deus já havia resolvido nos amar, quando nos predestinou para salvação,

Rm 8.29-30, “29 Porquanto aos que de antemão conheceu, também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos. 30 E aos que predestinou, a esses também chamou; e aos que chamou, a esses também justificou; e aos que justificou, a esses também glorificou”.

Observe os termos: “de antemão conheceu”, “predestinou”, “chamou”, “justificou”, “glorificou”. O propósito de Deus em seu amor por nós foi a restauração completa do homem que a ele se entrega, mediante Jesus.

Devemos lembrar que esta promessa de restauração foi também profetizada por vários profetas de Deus no Antigo Testamento,

Jr 29.7, “Dar-lhes-ei coração para que me conheçam que eu sou o SENHOR; eles serão o meu povo, e eu serei o seu Deus; porque se voltarão para mim de todo o seu coração”.

Ez 36.26-27, “26 Dar-vos-ei coração novo e porei dentro de vós espírito novo; tirarei de vós o coração de pedra e vos darei coração



de carne. 27 Porei dentro de vós o meu Espírito e farei que andeis nos meus estatutos, guardeis os meus juízos e os observeis”.

Nos dois textos Deus fala de uma “troca de coração”. O coração duro e empedernido seria substituído por um coração mais sensível a Deus, e com capacidade para conhecê-lo e andar em seus caminhos. Isso se tornou possível através do novo nascimento, da nova vida que recebemos por Jesus!

É sabido que a restauração prometida por Deus nos trouxe uma nova natureza,

2Pe 1.4, “pelas quais nos têm sido doadas as suas preciosas e mui grandes promessas, para que por elas vos torneis cooparticipantes da natureza divina, livrando-vos da corrupção das paixões que há no mundo”.

Estávamos alheios às promessas de Deus, porém, com essa nova vida que recebemos, nos tornamos “coparticipantes da natureza divina”, com a capacidade de nos livrar “da corrupção das paixões que há no mundo” – “E, assim, se alguém está em Cristo, é nova criatura; as coisas antigas já passaram; eis que se fizeram novas”, 2Co 5.17.

d) Deus nos amou com amor Protetivo. Como discípulos de Cristo, devemos ainda ter a

convicção de que Deus nos ama, nos trás segurança e proteção.

Sabendo dos desafios que seus discípulos estariam enfrentando logo após sua morte, Jesus, Ihes deu a certeza de que os continuaria amando e protegendo acima de qualquer circunstancia - “tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até ao fim”, v.1.

Quando se despedia de seus discípulos para subir aos céus, Jesus Ihes prometeu que estaria para sempre com eles – “E eis que estou convosco todos os dias até à consumação do século”, Mt 28.20.

É esse amor de Jesus por nós que nos traz conforto, segurança e proteção.

## **II. ATRAVÉS DA CEIA DO SENHOR, JESUS NOS MOSTRA O CARÁTER DE SUA MISSÃO**

Podemos dizer que Jesus sempre esteve consciente de sua missão, analisando o que o evangelista João percebeu, e escreveu: “... sabendo Jesus que era chegada a sua hora de passar deste mundo para o Pai...”, Jo 13.1, e “sabendo este que o Pai tudo confiara às suas mãos e que ele viera de Deus e voltava para Deus...”, Jo 13.3.

A palavra “sabendo” que aparece tanto no versículo primeiro, como também no versículo dois do texto em análise, nos mostra que Jesus estava totalmente consciente de sua missão ao vir ao mundo.

Mesmo conhecendo o teor de sua missão, e sabendo do que haveria de enfrentar o martírio da cruz, o Senhor não permitiu que suas emoções viessem atrapalhar o propósito que ele tinha recebido de seu Pai, e jamais se desviou dele – “41 Ele, por sua vez, se afastou, cerca de um tiro de pedra, e, de joelhos, orava, 42 dizendo: Pai, se queres, passa de mim este cálice; contudo, não se faça a minha vontade, e sim a tua”, Lc 22.41-42.

Sua missão estava bem clara diante de seus olhos: Ele sabia que fora designado pelo Pai para “morrer e salvar os pecadores”, e desse objetivo jamais perdeu o foco, ou desviou sua atenção. Ele sempre esteve consciente de

que daria a sua vida pelos seus seguidores - “Ninguém tem maior amor do que este: de dar alguém a própria vida em favor dos seus amigos”, Jo 15.13.

Entendemos que somente um profundo amor, poderia levar alguém a abrir mão da própria vida em favor de alguém, ainda mais, sabendo que o homem estava distante, alienado de Deus, e que necessitava de alguém que pudesse promover a reconciliação dele com o Criador - “Porque, se nós, quando inimigos, fomos reconciliados com Deus mediante a morte do seu Filho, muito mais, estando já reconciliados, seremos salvos pela sua vida”, Rm 5.10.

A palavra “reconciliar” vem do grego “katallasso”, e tem o significado de “unir aqueles que estão em divergência”, “restabelecimento das boas relações com quem se estava brigado”. Isso foi o que Jesus fez “Pois também Cristo morreu, uma única vez, pelos pecados, o justo pelos injustos, para conduzir-vos a Deus; morto, sim, na carne, mas vivificado no espírito”, 1Pe 3.18.

Observe a expressão: “Cristo morreu... para conduzir-vos a Deus”. O verbo “conduzir” vem da palavra grega “prosago”, cujo sentido é: “abrir um caminho de acesso, de alguém para Deus” - “19 Tendo, pois, irmãos, intrepidez para entrar no Santo dos Santos, pelo sangue de Jesus, 20 pelo novo e vivo caminho que ele nos consagrou pelo véu”, Hb 10.19-20.



Com toda certeza, a tônica principal da missão de nosso Senhor foi a de entregar sua vida para “abrir o caminho do pecador para Deus”! Ele sempre esteve consciente disso. Ao falar sobre a missão e propósito do Senhor, o apóstolo Paulo escreveu: “vivo pela fé no Filho de Deus, que me amou e a si mesmo se entregou por mim”, Gl 2.20.

No dizer de Paulo, para que esse caminho fosse aberto, Cristo “se entregou por mim”. Ele não foi forçado a fazer isso, mas voluntariamente deu a sua vida por nós! A ideia do termo grego (paradidomi) na língua original é: “entregar alguém à custódia, para ser julgado, condenado, punido, açoitado, atormentado, entregar à morte”.

Um texto das Escrituras que nos mostra claramente essa entrega do Senhor é: Is 53.7,10, “7 Ele foi oprimido e humilhado, mas não abriu a boca; como cordeiro foi levado ao matadouro; e, como ovelha muda perante os seus tosquiadores, ele não abriu a boca. 10 Todavia, ao SENHOR agradou moê-lo, fazendo-o enfermar; quando der ele a sua alma como oferta pelo pecado, verá a sua posteridade e prolongará os seus dias; e a vontade do SENHOR prosperará nas suas mãos”.

Ninguém entregou Jesus! Ele mesmo se ofereceu para essa missão – “... muito mais o sangue de Cristo, que, pelo Espírito eterno, a si mesmo se ofereceu sem mácula a Deus,

purificará a nossa consciência de obras mortas, para servirmos ao Deus vivo!”, Hb 9.14.

Algo interessante a notar é que de acordo com o Antigo Testamento a vítima do sacrifício “era oferecida”, e com certeza contra a sua própria vontade, para o perdão de determinados pecados; no Novo Testamento, a vítima, Jesus, “a si mesmo se ofereceu”, de forma voluntária, para o perdão de todos os nossos pecados. No Antigo Testamento o perdão era restrito, no Novo Testamento o perdão é amplo, é para todos os que querem!

1Jo 1.12-13, “12 Mas, a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos

filhos de Deus, a saber, aos que creem no seu nome; 13 os quais não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus”.

Observe que a salvação é para “todos”, mas não indistintamente, e sim, “para todos quantos o receberam... e creram no seu nome”. Jesus se ofereceu por nós, porém para recebermos o perdão através de seu sacrifício, precisamos recebê-lo em nosso coração, e crer através da fé.

### **III. ATRAVÉS DA CEIA DO SENHOR, JESUS NOS FAZ ENTENDER NOSSA MISSÃO**

Do mesmo modo que Jesus, sempre esteve consciente de sua missão, nós também como discípulos dele, precisamos ter consciência de nosso papel aqui no mundo. Quando ensinou sobre a Ceia do Senhor, o apóstolo Paulo falou de algo importante que precisamos sempre nos lembrar – “todas as vezes que comerdes este pão e beberdes o cálice, anunciais a morte do Senhor, até que ele venha”, 1Co 11.26.

Precisamos estar sempre anunciando a morte do Senhor para aqueles que ainda não entregaram sua vida a Deus! Somos

instrumentos de Deus para levar a palavra de salvação aos perdidos!

Para cumprir nossa missão, não podemos permitir que os prazeres deste mundo venham nos desviar dela! Posso afirmar sem medo de errar, que muitos filhos de Deus estão se deixando levar pelos valores deste mundo que vive sob o jugo do maligno e perdendo o foco - “Sabemos que somos de Deus e que o mundo inteiro jaz no Maligno”, 1Jo 5.19.

É bem verdade que ninguém é capaz de escapar das ações e influência do diabo. Nosso inimigo sabe muito bem como executar suas ações na degradação e destruição do

homem – “O ladrão não vem senão a roubar, a matar, e a destruir”, Jo 10.10.

Algo que precisamos colocar aqui ainda, é que precisamos ter cuidado com as tentações e com o pecado. Quando cedemos às tentações e ao pecado, sabemos que a nossa vida espiritual enfraquece, e nosso relacionamento com o Senhor fica prejudicado.

Quanto à tentação sabemos que Deus nos dá forças para vencê-la - “Não vos sobreveio tentação que não fosse humana; mas Deus é fiel e não permitirá que sejais tentados além das vossas forças; pelo contrário, juntamente com a tentação, vos proverá livramento, de sorte que a possais suportar”, 1Co 10.13.

Quando ao pecado precisamos resistir com todas as nossas forças para não sermos envolvidos por ele – “Ora, na vossa luta contra o pecado, ainda não tendes resistido até ao sangue”, Hb 12.4.

O objetivo de Deus para nós, é que levemos uma vida próspera e abundante debaixo de seu cuidado - “... eu vim para da vida e vida com abundância”, Jo 10.10!

Contudo, muitos filhos de Deus estão alheios, dormindo, sem a consciência de que temos um papel que nos foi dado por Deus, que é alcançar os perdidos – “Se anuncio o evangelho, não tenho de que me gloriar, pois



sobre mim pesa essa obrigação; porque ai de mim se não pregar o evangelho”, 1Co 9.16.

Paulo tinha consciência de sua missão como mensageiro de Deus ao mundo, por isso exclamou: “Ai de mim se não pregar o evangelho”. Ele sabia que o evangelho é a única vertente que pode transformar o mundo – “Pois não me envergonho do evangelho, porque é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê, primeiro do judeu e também do grego”, Rm 1.16.

Enquanto estamos vivendo no presente mundo, termos aspirações e não é errado tê-las! Porém, nossa paixão e ambição maior, deve ser sempre, a de contribuir para o avanço do reino de Deus.

Não raramente nos furtamos de nossa missão, valorizando por demais nossa vida mundana! Precisamos nos espelhar na visão do apóstolo Paulo – “Porém em nada considero a vida preciosa para mim mesmo, contanto que complete a minha carreira e o ministério que recebi do Senhor Jesus para testemunhar o evangelho da graça de Deus”, At 20.24.

Sua missão era completar sua carreira e ministério no testemunho da “graça de Deus”, o que ele fez até ao final de sua vida! Quantos de nós poderíamos falar como ele falou ao final de sua vida? – “7 Combati o bom combate, completei a carreira, guardei a fé. 8 Já agora a coroa da justiça me está

guardada, a qual o Senhor, reto juiz, me dará naquele Dia; e não somente a mim, mas também a todos quantos amam a sua vinda”, 2Tm 4.7-8.

## **IV. ATRAVÉS DA CEIA DO SENHOR, APRENDEMOS A LIDAR COM O NOSSO HOMEM INTERIOR**

“levantou-se da ceia, tirou a vestimenta de cima e, tomando uma toalha, cingiu-se com ela”, v.4.

a) Aprendemos a lidar com o egoísmo. Como discípulos de Jesus, devemos aprender a lidar com nosso egoísmo e vencê-lo, para servir melhor a Deus e aos nossos irmãos de fé. Nosso sentimento de capacidade e muitas vezes de superioridade trabalha contra nós, frustrando nosso relacionamento com Deus e com nossos irmãos!

Vimos como Jesus, mesmo sendo o Senhor e mestre, se levantou para lavar os pés dos discípulos, dando exemplo de como eles também deveriam fazer uns aos outros – “tomou uma toalha... deitou água na bacia e passou a lavar os pés aos discípulos e a enxugá-los com a toalha com que estava cingido”, vs.4-5.

Cientes do mal que nosso egoísmo pode nos causar, devemos aprender a colocar os interesses de nossos irmãos acima de nossos próprios interesses,

Fp 2.3, “Nada façais por partidarismo ou vanglória, mas por humildade, considerando cada um os outros superiores a si mesmo”.

1Co 10.24, “Ninguém busque o seu próprio interesse, e sim o de outrem”.

Nos dois textos que lemos, destacamos as frases “considerando os outros superiores a si mesmo” e “ninguém busque seu próprio interesse e sim o de outrem”. Tais frases tendem a demonstrar que os nossos interesses pessoais precisam ser colocados depois dos interesses de nossos irmãos!

Isso só é possível quando amamos de fato nossos irmãos. Somente o amor poderá construir verdadeiros relacionamentos. Já o egoísmo destrói relacionamentos e cria divisões! Vimos no primeiro texto que apóstolo Paulo é taxativo em seu apelo:

“Nada façam por ambição egoísta ou por vaidade” (Fp 2.3).

Em outra tradução do presente texto temos: “Nada façais por partidarismo ou vanglória, mas por humildade” (RA). A palavra “partidarismo” vem do grego “eritheia”, cujo principal sentido é “propaganda eleitoral ou intriga por um ofício”, “o desejo de se colocar acima dos outros”, “espírito partidário e faccioso, que usa de astúcia”, “partidarismo”, “sectarismo”.

Quando alimentamos nosso egoísmo, ele nos levará ao sectarismo, às divisões e, com certeza também à vaidade, que é outro defeito grave de caráter! Este tipo de comportamento afasta as pessoas de nós, e

também nos afasta de Deus – “Se eu no coração contemplara a vaidade, o Senhor não me teria ouvido”, Sl 66.18.

Para construirmos bons relacionamentos, precisamos tirar nosso “eu” do foco das atenções.

b) Aprendendo a lidar com a hipocrisia. Como discípulos de Cristo, precisamos aprender a vencer a hipocrisia, um mal tremendo no meio do povo de Deus. Observe que nenhum dos discípulos se levantou para servir, talvez por que todos se julgassem superiores aos outros! Somente quando Jesus tomou a iniciativa, é que Pedro se levantou e tentou impedi-lo, dizendo-se indigno de ser servido.



Podemos ter a certeza de que a falsa espiritualidade, cedo ou mais tarde, será revelada. Em um nível mais profundo observamos no texto, que Jesus denunciou também a hipocrisia de Judas, o seu traidor,

Vs. 21-30, “21 Ditas estas coisas, angustiou-se Jesus em espírito e afirmou: Em verdade, em verdade vos digo que um dentre vós me trairá. 22 Então, os discípulos olharam uns para os outros, sem saber a quem ele se referia. 23 Ora, ali estava conchegado a Jesus um dos seus discípulos, aquele a quem ele amava; 24 a esse fez Simão Pedro sinal, dizendo-lhe: Pergunta a quem ele se refere. 25 Então, aquele discípulo, reclinando-se sobre o peito de Jesus, perguntou-lhe: Senhor, quem é? 26 Respondeu Jesus: É

aquele a quem eu der o pedaço de pão molhado. Tomou, pois, um pedaço de pão e, tendo-o molhado, deu-o a Judas, filho de Simão Iscariotes. 27 E, após o bocado, imediatamente, entrou nele Satanás. Então, disse Jesus: O que pretendes fazer, faze-o depressa. 28 Nenhum, porém, dos que estavam à mesa percebeu a que fim lhe dissera isto. 29 Pois, como Judas era quem trazia a bolsa, pensaram alguns que Jesus lhe dissera: Compra o que precisamos para a festa ou lhe ordenara que desse alguma coisa aos pobres. 30 Ele, tendo recebido o bocado, saiu logo. E era noite”.

Judas foi o mestre da autêntica hipocrisia! Foi escolhido pelo Senhor para ser um dos doze homens mais privilegiados da história, teve a

melhor formação teológica daqueles tempos, presenciou tremendos milagres e manifestações do poder Deus e, no entanto, permitiu que seus interesses pessoais o levassem à hipocrisia e engano, traindo cruelmente seu mestre.

Ele demonstrou sua hipocrisia de maneira muito clara, quando através de um beijo codificado, traiu o seu Senhor – “44 Ora, o traidor tinha-lhes dado esta senha: Aquele a quem eu beijar, é esse; prendei-o e levai-o com segurança. 45 E, logo que chegou, aproximando-se, disse-lhe: Mestre! E o beijou”, Mc 14.44-45. Porém, seu plano maligno jamais poderia ter ficado encoberto do Senhor, que conhece todas as coisas -

“Jesus, porém, lhe disse: Judas, com um beijo trais o Filho do Homem”, Lc 22.48.

Não há pecado mais horrendo que a hipocrisia! O hipócrita é aquele vive uma vida dupla, finge ser amigo, mas, apunhala pelas costas; sorri, mas por dentro está cheio de ódio. É o crente do tipo tamanduá - abraça, mas ao mesmo tempo, encrava suas unhas!

No foi por acaso que a maioria dos “ais” proferidos por Jesus no Novo Testamento foram para falsos religiosos, que tinham uma vida dupla. Um bom exemplo disso, temos na frase de Jesus: “Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas, porque limpais o exterior do copo e do prato, mas estes, por dentro,

estão cheios de rapina e intemperança”, Mt 23.25.

Tais líderes eram altamente cerimoniais com as externalidades, lavando copos, pratos, mãos, porém, interiormente estavam cheios de más intenções - “rapina e intemperança”. Digna de nota aqui é a palavra “rapina”, que vem do grego “harpagē”, que significa “o ato de saquear”, “roubo”, “saque”, “despojo”. Eram mestres da arte do disfarce para enganar seus seguidores, assim como, as aves de rapina se camuflam para apanhar e devorar suas vítimas!

Precisamos nos livrar dos hipócritas, e principalmente da hipocrisia, se quisermos desfrutar de uma verdadeira intimidade com o

Senhor – “16 Quando jejuardes, não vos mostreis contristados como os hipócritas; porque desfiguram o rosto com o fim de parecer aos homens que jejuam. Em verdade vos digo que eles já receberam a recompensa. 17 Tu, porém, quando jejuares, unge a cabeça e lava o rosto, 18 com o fim de não parecer aos homens que jejuas, e sim ao teu Pai, em secreto; e teu Pai, que vê em secreto, te recompensará”, Mt 6.16-18.

c) Aprendendo a lidar com a autossuficiência. Temos aqui outra deficiência que compromete nosso relacionamento com Deus e com os nossos irmãos. Como discípulos de Cristo, precisamos também vencer a autossuficiência, que juntamente com a arrogância, e a soberba nos levarão à

insensibilidade para com Deus, e para com os nossos irmãos.

Pedro numa manifestação de autossuficiência e arrogância, ofereceu sua própria vida a Jesus, mas, foi confrontado veementemente por ele,

Vs.37-38, “37 Replicou Pedro: Senhor, por que não posso seguir-te agora? Por ti darei a própria vida. 38 Respondeu Jesus: Darás a vida por mim? Em verdade, em verdade te digo que jamais cantará o galo antes que me negues três vezes”.

Muitas vezes nos achamos os melhores do mundo! Existem pessoas que se acham o máximo, e que o mundo todo trabalha a seu

favor! Para essas pessoas, o mundo é uma órbita que gira somente em torno delas, e todas as demais pessoas tem a obrigação de cumprir seus desejos, caprichos e vontades.

Tais indivíduos não consideram seus semelhantes, e ainda, usam as pessoas como canais, para se autopromover e se autovalorizar! São elementos que tentam subir na vida pisoteando os outros sem piedade, causando muita dor e sofrimento por onde passam.

Esses indivíduos vivem como se não precisassem de ninguém, além de si mesmos. Para eles, seus superpoderes os colocam num nível acima das demais pessoas! Precisamos dizer que são



justamente esses seres humanos, se é que podemos classificá-los como humanos, que cometem as maiores atrocidades as quais estamos acostumados a ler nos noticiários.

São pessoas, que tem o prazer de estragar nosso dia, ou, dependendo o caso, estragam uma vida por inteira. Paulo fala de pessoas que assim vivem, e que se multiplicariam nos últimos tempos, das quais precisamos fugir,

2Tm 3.2-5, “2 pois os homens serão egoístas, avarentos, jactanciosos, arrogantes, blasfemadores, desobedientes aos pais, ingratos, irreverentes, 3 desafeiçoados, implacáveis, caluniadores, sem domínio de si, cruéis, inimigos do bem, 4 traidores, atrevidos, enfatuados, mais amigos dos

prazeres que amigos de Deus, 5 tendo forma de piedade, negando-lhe, entretanto, o poder. Foge também destes”.

Observe no texto a expressão: “foge também destes”. Não há como manter relacionamento e comunhão com pessoas que procedem dessa maneira! O verbo “fugir” vem do termo grego “apotrepo”, com o sentido de “afastar-se”, “despedir-se”, “manter-se distante”.

O pior de tudo, é que temos visto cada vez mais pessoas que estão vivendo no egoísmo, no isolamento, e na autossuficiência. São indivíduos auto dependentes, que se tornam incapazes de reconhecer seus pecados e incoerências!

Voltando à experiência de Pedro, podemos ver que ele, em sua autossuficiência, achou que poderia dar sua própria vida por Jesus. Mal sabia ele, que dali a poucos dias, estaria negando seu mestre, e até mesmo o esconjurando, diante de servas e criadas,

Mc 14.66-71, “66 Estando Pedro embaixo no pátio, veio uma das criadas do sumo sacerdote 67 e, vendo a Pedro, que se aquecia, fixou-o e disse: Tu também estavas com Jesus, o Nazareno. 68 Mas ele o negou, dizendo: Não o conheço, nem compreendo o que dizes. E saiu para o alpendre. *E o galo cantou.* 69 E a criada, vendo-o, tornou a dizer aos circunstantes: Este é um deles. 70 Mas ele outra vez o negou. E, pouco depois, os que ali estavam

disseram a Pedro: Verdadeiramente, és um deles, porque também tu és galileu. 71 Ele, porém, começou a praguejar e a jurar: Não conheço esse homem de quem falais”.

Precisamos nos livrar da autossuficiência e abandonar a arrogância. Precisamos aprender a ser dependentes de Deus, para assim, desfrutaremos de uma vida de gozo abundante,

Jo 15.11, “Tenho-vos dito estas coisas para que o meu gozo esteja em vós, e o vosso gozo seja completo”.

d) Aprendendo a lidar com o arrependimento. Como discípulos de Cristo, precisamos ainda aprender a buscar o verdadeiro

quebrantamento e arrependimento diante do Senhor.

Seguindo o entendimento do texto no evangelho de João na cerimônia do “lava pés”, observamos que, assim como o lavar com água limpa purifica o corpo, ao sermos lavados pelo sangue de Jesus derramado pelos nossos pecados, somos purificados do pecado e de todo o mal,

1Jo 1.7, “Se, porém, andarmos na luz, como ele está na luz, mantemos comunhão uns com os outros, e o sangue de Jesus, seu Filho, nos purifica de todo pecado”.

Somente através do verdadeiro arrependimento podemos ser curados, e ao

mesmo tempo, abrimos a porta de entrada para uma vida feliz, abençoada e prospera,

At 3.19-20, “19 Arrependei-vos, pois, e convertei-vos para serem cancelados os vossos pecados, 20 a fim de que, da presença do Senhor, venham tempos de refrigério, e que envie ele o Cristo, que já vos foi designado, Jesus”.

Veja a expressão: “a fim de que da presença do Senhor, venham tempos de refrigério”. Observe que, quando reconhecemos os nossos pecados, e os confessamos a Deus, entramos num período de refrigério de alma. Ou seja, recebemos o alívio e descanso da parte do Senhor – “encontrareis descanso para a vossa alma”, Mt 11.29.

Foi esse nível de descanso que Davi alcançou na presença do Senhor, quando confessou seus pecados, e recebeu o perdão divino. Agora seus pecados não mais podiam atormentá-lo, porque suas cadeias quebradas,

Sl 32.2-5, “5 Confessei-te o meu pecado e a minha iniquidade não mais ocultei. Disse: confessarei ao SENHOR as minhas transgressões; e tu perdoaste a iniquidade do meu pecado. 6 Sendo assim, todo homem piedoso te fará súplicas em tempo de poder encontrar-te. Com efeito, quando transbordarem muitas águas, não o atingirão”.

A receber o perdão, Davi pode declarar: “Com efeito, quando transbordarem muitas águas”, elas não me atingirão. Com certeza toda turbulência resultante do efeito de nossos pecados contra Deus cessa, quando nos arrependemos e os confessamos.

Recebemos ao mesmo tempo, descanso, refrigério, e correção em justiça,

Sl 23.2-3, “2 Ele me faz repousar em pastos verdejantes. Leva-me para junto das águas de descanso; 3 refrigera-me a alma. Guia-me pelas veredas da justiça por amor do seu nome”.

Voltando ainda para o Salmo 32, observamos Davi deixando claro que, enquanto mantinha



seus pecados não confessados, trazia sobre si um grande peso de alma, que transformava sua vida espiritual num caos. Consequentemente sua comunhão e intimidade com Deus estavam sendo grandemente afetadas,

Sl 32.3-4, “3 Enquanto calei os meus pecados, envelheceram os meus ossos pelos meus constantes gemidos todo o dia. 4 Porque a tua mão pesava dia e noite sobre mim, e o meu vigor se tornou em sequeidão de estio”.

Veja que, a falta de confissão e arrependimento, fez com que Davi sentisse seus ossos envelhecerem, trazendo-lhe agonizante sofrimento - “envelheceram os

meus ossos pelos meus constantes gemidos”. Devemos nos lembrar de que, a palavra “gemidos” vem do termo hebraico “shagah”, que significa “grito de angústia”, “gemido de alma”.

Nessa situação de desconforto, provocada pelos seus pecados, Davi chegou a perder toda sua alegria e vigor – “meu vigor se tornou em sequeidão de estio”. Digna de nota é a tradução do versículo três pela BLH: “Enquanto não confessei o meu pecado, eu me cansava, chorando o dia inteiro”.

Toda essa tragédia na vida de Davi veio, em razão do Senhor haver retirado dele a sua presença, e com isso, ele pode sentir o peso

da mão de Deus – “tua mão pesava dia e noite sobre mim”.

Sabemos que Deus, em razão de sua santidade, não pode se compactuar com o pecado, razão pela qual, para nos aproximarmos dele e receber alívio, precisamos deixar nossos pecados, através do arrependimento e confissão de nossas culpas – “Tu és tão puro de olhos, que não podes ver o mal e a opressão não podes contemplar”, Hc 1.13.

Somente através da confissão e arrependimento sincero, que a situação de Davi foi transformada – “Confessei-te o meu pecado e a minha iniquidade não mais ocultei. Disse: confessarei ao SENHOR as

minhas transgressões; e tu perdoaste a iniquidade do meu pecado”.

Ao confessar, e se arrepender de seu pecado, agora Davi podia falar com propriedade sobre o cuidado e a proteção de Deus para como a sua vida: “Tu és o meu esconderijo; tu me preservas da tribulação e me cercas de alegres cantos de livramento”, v.7.

Observe ainda no texto, que o arrependimento e a confissão, lhe trouxeram o perdão de Deus – “tu perdoaste a iniquidade do meu pecado”; seu relacionamento com Senhor foi inteiramente restaurado – “todo homem piedoso te fará súplicas em tempo de poder encontrar-te”.

Por fim, pode voltar para debaixo da proteção de Deus – “quando transbordarem muitas águas, não o atingirão”, v.6.

Não podemos permitir que nossos pecados nos afastem de Deus. Precisamos saber que eles foram tratados por Cristo na cruz, para recebermos completa vitória sobre eles, quando nos arrependemos e confessamos,

Is 53.5, “Mas ele foi traspassado pelas nossas transgressões e moído pelas nossas iniquidades; o castigo que nos traz a paz estava sobre ele, e pelas suas pisaduras fomos sarados”.

**V. ATRAVÉS DA CEIA DO  
SENHOR, JESUS NOS  
TRANSMITIU NOVOS PRINCÍPIOS,  
BASEADOS NO AMOR DE DEUS  
V.34**

“Novo mandamento vos dou; que vos ameis uns aos outros; assim como eu vos amei...”.

a) Dentro desse princípio do amor, precisamos viver o padrão de Deus. Como discípulos, precisamos viver de conformidade com os princípios do Reino,

Mt 5.38-45, “38 Ouvistes que foi dito: Olho por olho, dente por dente. 39 Eu, porém, vos digo: não resistais ao perverso; mas, a

qualquer que te ferir na face direita, volta-lhe também a outra; 40 e, ao que quer demandar contigo e tirar-te a túnica, deixa-lhe também a capa. 41 Se alguém te obrigar a andar uma milha, vai com ele duas. 42 Dá a quem te pede e não voltes as costas ao que deseja que lhe emprestes. 43 Ouvistes que foi dito: Amarás o teu próximo e odiarás o teu inimigo. 44 Eu, porém, vos digo: amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem; 45 para que vos torneis filhos do vosso Pai celeste, porque ele faz nascer o seu sol sobre maus e bons e vir chuvas sobre justos e injustos”.

Os princípios legais no Antigo Testamento e no ensino judaico, eram na base do “bateu, levou”, “deu, recebeu”, “fez o mal, recebe o

mal” – “23 Mas, se houver dano grave, então, darás vida por vida, 24 olho por olho, dente por dente, mão por mão, pé por pé”, Êx 21.23-24.

As expressões “olho por olho”, “dente por dente”, diziam de maneira bem clara como agressor deveria ser tratado. Ele sofreria o mesmo dano que havia causado em sua vítima.

Mais tarde, os romanos criaram uma lei semelhante, a “lex Talionis”, que também infringia a ação, na mesma proporção da agressão. Era a lei da justa reciprocidade, onde o crime recebia a pena na mesma proporção do dano causado. O mal que



alguém fazia a outro, retornaria na mesma intensidade que ele havia causado.

Porém, os princípios do Reino de Deus ensinados por Jesus, são colocados por ele de uma maneira totalmente diferente, indo de forma contrária aos princípios legais vigentes na época, tanto nas leis judaicas, como também nas leis romanas:

Vejamos um resumo dessas contradições no ensino do Senhor:

- Não podemos dar o troco quando sofremos agressão - “a qualquer que te ferir na face direita, volta-lhe também a outra”.

O que Jesus está dizendo aqui, é que o cristão de maneira alguma pode cultivar ressentimento, seja qual for o insulto ou agressão que receber. Como integrantes do Reino, não podemos ser vingativos, uma vez que a vingança pertence somente a Deus,

Rm 12.19, “não vos vingueis a vós mesmos, amados, mas dai lugar à ira; porque está escrito: A mim me pertence a vingança; eu é que retribuirei, diz o Senhor”.

Na 1.2, “O SENHOR é Deus zeloso e vingador, o SENHOR é vingador e cheio de ira; o SENHOR toma vingança contra os seus adversários e reserva indignação para os seus inimigos”.

É o Senhor quem reage contra aqueles que nos fazem o mal – “1 Ó SENHOR, Deus das vinganças, ó Deus das vinganças, resplandece. 2 Exalta-te, ó juiz da terra; dá o pago aos soberbos”, Sl 94.1-2.

- Devemos ser passivos quando sofrermos perdas numa questão judicial - “ao que quer demandar contigo e tirar-te a túnica, deixa-lhe também a capa”.

O verbo “demandar” vem do termo grego “krino” e significa: “julgar”, “pronunciar uma opinião relativa ao certo e errado”, “emitir julgamento sobre as obras e palavras de outros”, “presidir com o poder de emitir decisões judiciais, porque julgar era a prerrogativa dos reis e governadores”.

Temos também no texto a palavra “túnica”, objeto da questão judicial. Essa palavra vem do termo grego “chiton”, e se referia a uma espécie de uma camisola que era usada por debaixo da roupa, que em geral era confeccionada com algodão ou linho. Qualquer pessoa, até mesmo as mais pobres possuíam normalmente mais de uma peça dessa vestimenta.

Já a capa, era um tipo de veste exterior, de forma retangular e de consideráveis dimensões. Era usada como uma toga que durante o dia protegia do calor, mas que à noite servia como cobertor. Foi esse tipo de vestimenta que Bartimeu deixou quando foi a encontro de Jesus – “Lançando de si a capa,

levantou-se de um salto e foi ter com Jesus”,  
Mc 10.50.

A lei judaica previa que a túnica de um devedor poderia ser confiscada para pagamento de uma dívida, mas a capa não - “Se do teu próximo tomares em penhor a sua veste, lha restituirás antes do pôr-do-sol; porque é com ela que se cobre, é a veste do seu corpo; em que se deitaria?”, Êx 22.26-27.

O que Jesus ensina aqui, é que o verdadeiro cristão, comprometido com o Reino, jamais deve exigir que seus direitos sejam considerados. Um filho de Deus jamais poderá entrar numa disputa para que sejam cumpridos em seu favor, as disposições legais que lhe trazem proteção.

O Senhor ensina de maneira clara que o cristão precisa em muitas ocasiões abrir mão, até mesmo, de seus direitos considerados justos e legais.

Como tem crentes que vivem o tempo todo reclamando seus direitos, se amparando em “seus privilégios”. Tais crentes fazem de tudo para fazer prevalecer seus direitos, e não permitem que ninguém, e nada os atrapalhem.

- Não devemos questionar quando sofreremos quaisquer imposições desmedidas - “Se alguém te obrigar a andar uma milha, vai com ele duas”.

“Obrigado a levar carga”, assim como temos no texto original, é uma expressão de longa história. Temos na língua original a palavra grega “aggareuein”. Essa palavra é proveniente de outro vocábulo grego - “aggareus”, que tem como significado "correio". Aggareus era comumente usada no idioma persa.

Ao estudarmos os povos antigos iremos notar que os persas possuíam um sistema postal bem completo e interessante. Todas as estradas eram divididas em postos localizados a mais ou menos, um dia de viagem distantes um do outro. Em cada um desses postos, aquele que transportava a correspondência, podia encontrar comida tanto para ele, como também para seu

cavalo. Havia também cavalos sobressalentes nesses postos para uma troca do animal, quando essa troca se fazia necessária.

Porém, se por qualquer motivo faltasse nesses postos provisão, ou meios necessários para que a mensagem chegasse ao seu destino, qualquer pessoa em particular, podia "ser obrigada" a dar comida, alojamento, cavalos, ajuda, e ainda levar a correspondência até ao próximo posto.

Como naqueles dias, a terra de Israel era ocupada por Roma, em qualquer momento, um judeu podia ser forçado por um soldado romano, a servi-lo. Sua obrigação era atender ao soldado que o tinha convocado, em tudo o



que ele solicitasse, mesmo que tal tarefa fosse degradante, ou humilhante.

Esse foi o caso de Simão Cirineu, o qual foi “obrigado”, e quem sabe até mesmo contra a sua vontade, a carregar a cruz do Senhor – “E obrigaram a Simão Cireneu, que passava, vindo do campo, pai de Alexandre e de Rufo, a carregar-lhe a cruz”, Mc 15.21.

É possível que ao ser forçado a carregar a cruz do Senhor, Simão Cirineu tenha se convertido, uma vez que, mais tarde Paulo faz referência a um de seus colaboradores de ministério chamado Rufo, que segundo alguns estudiosos das Escrituras, se tratava do filho de Simão Cirineu – “Saudai Rufo, eleito no Senhor, e igualmente a sua mãe,

que também tem sido mãe para mim”, Rm 16.13. O Fato de Marcos citar os nomes de seus filhos também corrobora para esse argumento.

Veja o que nos fala Barclay:

“Talvez sua intenção fosse, ao chegar ao Gólgota, lançar a cruz no chão e afastar-se o mais depressa que pudesse do lugar. E pode ser que não o fizesse; que algo em Jesus o fascinasse. Ele é descrito como o pai de Alexandre e de Rufo. Agora, esta descrição deve ter tido o propósito de identificá-lo. Supor-se-ia que as pessoas para quem foi escrito o Evangelho o reconheceriam por esta descrição. É muito provável que o Evangelho

de Marcos fosse escrito primeiro para a Igreja de Roma.

Voltemos agora para a Carta de Paulo aos Romanos e leiamos 16.13: “Saudai a Rufo, eleito no Senhor, e a sua mãe e minha”. Rufo era um cristão tão escolhido que era eleito no Senhor. A mãe de Rufo era tão querida para Paulo que pôde chamá-la sua mãe. Algo deve ter acontecido a Simão no Gólgota”.

Jesus nos está dizendo: "Vamos supor que seus opressores obriguem vocês a lhes servirem de guia, ou a levar uma carga para eles durante um longo caminho, vocês não devem fazer esta tarefa com amargura e ressentimento, mas fazerem com alegria, e boa vontade".

O cristão nunca reagirá com ódio e rancor, e nem será vingativo, por qualquer ofensa que tenha recebido, mesmo que esta ofensa, o tenha afetado profunda e dolorosamente. O cristão jamais irá defender seus direitos legais, diante de circunstâncias desfavoráveis.

- Precisamos destruir as inimizados, amando os nossos inimigos – “Ouvistes que foi dito: Amarás o teu próximo e odiarás o teu inimigo. Eu, porém, vos digo: amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem”.

O que Jesus está ensinando aqui, é que o verdadeiro amor é sempre incondicional e quando exercitado, poderá mudar

situações. Precisamos aprender a amar quem não nos ama, uma vez que amar quem nos ama é algo natural – “Se amais os que vos amam, qual é a vossa recompensa”, Lc 6.32.

Mas como podemos amar os inimigos?  
Podemos amá-los com nossas ações:

Orando por quem nos persegue;  
Fazendo o bem a quem nos maltrata;  
Abençoando os que nos amaldiçoam;  
Virando a outra face.

Amar nossos inimigos não significa que temos que abraça-los, desejar sua companhia, como se eles fossem de fato nossos amigos. Amar aos nossos inimigos significa querer o bem deles, e tratá-los com

respeito, mesmo diante do que fazem contra nós,

Lc 6.27-29, “27 Digo-vos, porém, a vós outros que me ouvís: amai os vossos inimigos, fazei o bem aos que vos odeiam; 28 bendizeis aos que vos maldizem, orai pelos que vos caluniam. 29 Ao que te bate numa face, oferece-lhe também a outra; e, ao que tirar a tua capa, deixa-o levar também a túnica”.

- Somente agindo de acordo com esses princípios, é que nos tornamos merecedores dos privilégios do reino de Deus – “para que vos torneis filhos do vosso Pai celeste”.

Podemos dizer que a característica que deve ser mais dominante nos filhos de Deus, é a

imitação do caráter do Deus, que pelo seu amor alcançou tanto os amigos, como também os inimigos. Sabemos que as autoridades religiosas judaicas, faziam do ódio aos inimigos, parte integrante de sua religião, como alguns crentes de hoje.

Mas, aqueles que professam uma fé cristã, e seguem a Cristo, precisam eliminar esse conceito de seu sistema doutrinário. Podemos dizer que Deus é universal e tem amor universal. Como seus filhos devemos urgentemente aprender essa lição. O amor deve ser universal dentro da igreja, e fora dela.

Nada há sentimento mais elevado que o crente possa ter, para imitar a Deus, do que

amar seus inimigos. Deus agiu dessa maneira para com os seus inimigos, e se ele não agisse assim, jamais teríamos nos tornado seus filhos, uma vez que também éramos seus inimigos,

Rm 5.8, “Porque, se nós, quando inimigos, fomos reconciliados com Deus mediante a morte do seu Filho, muito mais, estando já reconciliados, seremos salvos pela sua vida”.

b) Vivendo dentro o padrão do reino de Deus, cultivando o amor. Como discípulos de Cristo, precisamos entender que com a nossa conversão, passamos a pertencer a outro reino, o Reino de Deus e, portanto estamos sob uma nova ordem, e um novo Senhorio.



Essa nova ordem deve ser caracterizada por uma vida em amor.

Jesus nos orientou a padronizar nossas vidas debaixo dessa nova perspectiva,

V.35, “Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos: se tiverdes amor uns aos outros”.

A maneira como os outros estão nos observando, precisa falar muito mais que as nossas palavras. Queira ou não, estamos no foco das lentes desse mundo! Por essa razão, nosso testemunho deve ser um modelo a ser imitado,

1Tm 4.12, “Ninguém despreze a tua mocidade; pelo contrário, torna-te padrão dos

fiéis, na palavra, no procedimento, no amor, na fé, na pureza”.

Quero lembrar que a palavra “padrão”, que aparece nesse trecho da carta de Paulo a Timóteo, vem do termo grego “tupos”, cujo significado é: “impressão”, “figura formada por um golpe ou impressão”, “exemplo dissuasivo (Induzir ou instigar alguém a mudar de opinião ou de intenção)”, “modelo a ser imitado”, e no contexto geral e cristão, “homens que merecem imitação”.

Ao incentivar Timóteo a ser “padrão” para outras pessoas, Paulo tinha um parâmetro:

- Seu modelo era Jesus – “Sede meus imitadores, como também eu sou de Cristo”, 1Co 11.1.

- Como imitador de Cristo, Paulo podia também ser “padrão” a outros irmãos – “Irmãos, sede imitadores meus e observai os que andam segundo o modelo que tendes em nós”, Fp 3.17.

Precisamos padronizar nossas vidas no exemplo de Cristo, vivendo de fato o amor de Deus demonstrado e vivido por ele. Com isso podemos ter também nossos imitadores. Precisamos deixar um legado significativo e benéfico, para aqueles que nos colocam como exemplos em suas vidas!

O amor cristão como princípio ativo no Novo Testamento:

- Cristo nos ordenou amar – “Novo mandamento vos dou: que vos ameis uns aos outros; assim como eu vos amei, que também vos ameis uns aos outros”, Jo 13.34; “O meu mandamento é este: que vos ameis uns aos outros, assim como eu vos amei”, Jo 15.12.

Observe no ensino de Jesus, que o amor não é um sentimento como muitos falam! No ensino de Cristo, no contexto bíblico, e para a vida cristã, ele é “mandamento”. Se é mandamento, a implicação está, não no sentir, mas no fazer,

1Jo 3.17-18, “17 Ora, aquele que possuir recursos deste mundo, e vir a seu irmão padecer necessidade, e fechar-lhe o seu coração, como pode permanecer nele o amor de Deus? 18 Filhinhos, não amemos de palavra, nem de língua, mas de fato e de verdade”.

Nesse texto da carta de João, observamos que o amor precisa ser colocado em ação no socorro aos irmãos necessitados. De nada adianta falar que “amamos”, quando mantemos fechado o nosso coração aos necessitados!

Esse princípio também é ensinado por Tiago em sua carta,

Tg 2.15-17, “15 Se um irmão ou uma irmã estiverem carecidos de roupa e necessitados do alimento cotidiano, 16 e qualquer dentre vós lhes disser: Ide em paz, aquecei-vos e fartai-vos, sem, contudo, lhes dar o necessário para o corpo, qual é o proveito disso? 17 Assim, também a fé, se não tiver obras, por si só está morta”.

Veja como Tiago coloca o socorro aos necessitados como um exercício, e uma operação de fé viva e genuína - “Assim, também a fé, se não tiver obras, por si só está morta”. A falta de amor prático aos necessitados, irá transformar a nossa fé em Deus, numa fé inoperante, simplesmente “morta”.

- Cristo nos deu o exemplo de como viver o amor verdadeiro – “Como o Pai me amou, também eu vos amei; permaneci no meu amor”, Jo 15.9.

O Senhor não só ordenou o mandamento do amor, mas também, nos deixou o exemplo pessoal de como devemos amar. Ele não falou simplesmente “eu vos amei”, mas nos deu provas contundentes desse amor, quando deu a sua vida por nós ao morrer no Calvário,

Jo 15.13, “Ninguém tem maior amor do que este: de dar alguém a própria vida em favor dos seus amigos”.

Uma coisa é dizer que ama, mas algo bem maior e mais significativo é demonstrar o amor em atitudes,

Rm 5.8, “Mas Deus prova o seu próprio amor para conosco pelo fato de ter Cristo morrido por nós, sendo nós ainda pecadores”.

O verbo “provar” no texto que lemos, vem da palavra grega “sunistao”, que significa: “causar ou fazer ficar de pé”, “colocar”, “pôr”, “estabelecer”, “juntar”, “unir”, “mostrar”, “demonstrar”.

Este ato do Senhor foi reconhecido por Paulo quando escreveu aos gálatas – “... vivo pela fé no Filho de Deus, que me amou e a si mesmo se entregou por mim”, Gl 2.20.



O verbo “entregar” na língua grega vem do termo “paradidomi”, que tem o significado de “entregar-se nas mãos de outro”, “render-se”, “apresentar-se”, “ser levado”. Não foi isso que Jesus fez por nós?

Is 53.7, “Ele foi oprimido e humilhado, mas não abriu a boca; como cordeiro foi levado ao matadouro; e, como ovelha muda perante os seus tosquiadores, ele não abriu a boca”.

A expressão “foi levado”, vem do termo hebraico “yabal”, que significa “levado ao altar de sacrifício”, e a palavra “matadouro” é a tradução da palavra hebraica “tebach”, cujo significado é: “matança”, “abate de animais”.

Assim como uma ovelha que está sendo levada para a tosquia, ou até mesmo para o abate e não berra, não esperneia, Cristo também não proferiu um único som, e nem ofereceu qualquer resistência aos seus algozes.

Quando estudamos o julgamento fraudulento ao qual Jesus foi submetido, podemos observar que ele respondeu ao Sinédrio judaico, somente quando seu silêncio poderia significar a renúncia da sua divindade, e do fato dele ser o Messias (Mt 26.63-64). Perante de Pôncius Pilatos ele também falou, somente quando seu silêncio implicaria na renúncia da sua realeza. E diante do Tetrarca Herodes, ele não proferiu qualquer palavra.

Ele sofreu suas grandes aflições em silêncio, e em obediência àquele que tinha traçado o plano de redenção para o homem através de seu sacrifício.

Por isso quando João o viu vindo em sua direção, reconheceu imediatamente que ele era Cordeiro de Deus, que seria levado para a matança no tempo oportuno – “No dia seguinte, viu João a Jesus, que vinha para ele, e disse: Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo!”, Jo 1.29.

Com a sua morte Cristo deu a maior prova de amor que alguém podia dar. Em resumo, amor que não pode ser demonstrado na prática, não é amor verdadeiro!

- O amor é maior do que qualquer manifestação, e exercício dos dons espirituais – “1 Ainda que eu fale as línguas dos homens e dos anjos, se não tiver amor, serei como o bronze que soa ou como o címbalo que retine. 2 Ainda que eu tenha o dom de profetizar e conheça todos os mistérios e toda a ciência; ainda que eu tenha tamanha fé, a ponto de transportar montes, se não tiver amor, nada serei”, 1Co 13.1-2.

Observe como Paulo coloca a importância do amor! Ele diz: “ainda que”, tenhamos uma grande variedade de dons espirituais como, falar línguas, profetizar, mostrar conhecimento, ciência, exercitar uma grande fé, se em nosso coração não houver amor, ou não reinar o amor de Deus, tudo o que

fizermos será sem qualquer proveito no reino de Deus.

Veja que ele termina suas considerações com a frase “nada serei”, num reconhecimento de total inutilidade! Essa expressão “nada serei” tem a ver de fato com algo sem expressão, ou sem qualquer serventia! Em outras palavras, se eu agir sem amor, serei inútil, infrutífero, improdutivo, estéril.

Deus não quer em sua obra indivíduos que apenas “trombeteiam”, mas que, na realidade não passam de árvores sem frutos, cujo destino é serem cortadas e queimadas – “Toda árvore que não produz bom fruto é cortada e lançada ao fogo”, Mt 7.19.

Um bom exemplo de inutilidade e esterilidade, podemos observar na figueira sem frutos, amaldiçoada por Jesus, quando ele ia de Betânia para Jerusalém em companhia de seus discípulos,

Mc 11.12-14, “12 No dia seguinte, quando saíram de Betânia, teve fome. 13 E, vendo de longe uma figueira com folhas, foi ver se nela, porventura, acharia alguma coisa. Aproximando-se dela, nada achou, senão folhas; porque não era tempo de figos. 14 Então, lhe disse Jesus: Nunca jamais coma alguém fruto de ti! E seus discípulos ouviram isto”.

Quando Jesus retornou de Jerusalém para Betânia, em companhia de seus discípulos,

eles observaram que a figueira amaldiçoada pelo Senhor havia secado, até a suas raízes,

Mc 11-19-21, “19 Em vindo a tarde, saíram da cidade. 20 E, passando eles pela manhã, viram que a figueira secara desde a raiz. 21 Então, Pedro, lembrando-se, falou: Mestre, eis que a figueira que amaldiçoaste secou”.

Essa figueira representa a vida de muitos cristãos que, aparentemente, e aos olhos dos homens, se apresentam como os melhores crentes da terra, Porém, na verdade não passam de vidas estéreis, infrutíferas, que caminham para a morte espiritual.

Exemplos claros de esterilidade espiritual, podemos também observar nos falsos líderes

descritos por Judas, irmão do Senhor, em sua pequena carta,

Jd 12, “Estes homens são como rochas submersas, em vossas festas de fraternidade, banqueteadando-se juntos sem qualquer recato, pastores que a si mesmos se apascentam; nuvens sem água impelidas pelos ventos; árvores em plena estação dos frutos, destes desprovidas, duplamente mortas, desarraigadas”.

Veja no texto, algumas as expressões bem significativas proferidas por Judas, aplicadas àqueles falsos líderes, os quais faziam a obra de Deus sem amor. Eles são comparados a “rochas submersas nas festas de amor”, “nuvens sem água, levadas de um lado para



o outro pelos ventos”, “árvores sem frutos em plena estação produtiva”, e ainda, “pastores que apascentam a si mesmos”.

Todas essas figuras mencionadas por Judas demonstram na prática a essência de uma vida espiritual vazia, e sem qualquer significado tanto para Deus, quanto para a Igreja de Cristo em seu ministério terreno,

Perguntamos: Para que serve uma nuvem sem água, a não ser para criar uma falsa expectativa de chuva em tempos de sequeidão? Para que vale uma árvore frutífera que não produz, a não ser para ser arrancada e queimada? Que proveito há líder religioso que apascenta a si mesmo, e não cuida do rebanho de Deus sob seus cuidados?

Na verdade, tais homens são comparados à rochas submersas, que oferecem grande risco para os barcos e navios, que ao colidirem com elas, danificam seus cascos, vindo a naufragar! Da mesma forma que essas rochas submersas trazem grande risco para os navegantes, líderes com esse perfil, e sem amor, se constituem num grande perigo para os filhos de Deus e a igreja cristã!

O ministério exercido por esses líderes leva a igreja de Cristo a se tornar estéril, afastando-se do propósito de Deus para ela. Igrejas sob o comando deles, ao invés de se tornarem canal de vida para seus membros, os conduzem à morte espiritual, por beberem do veneno mortal por eles oferecido!

Nossa real frutificação, somente poderá ocorrer, quando nosso “eu”, é levado à morte – “24 Em verdade, em verdade vos digo: se o grão de trigo, caindo na terra, não morrer, fica ele só; mas, se morrer, produz muito fruto. 25 Quem ama a sua vida perde-a; mas aquele que odeia a sua vida neste mundo preservá-la-á para a vida eterna”, Jo 12.24-25.

Jesus utiliza essa parábola do grão lançado à terra, fazendo uma alusão evidente a sua própria morte, sepultamento, e ressurreição, cuja finalidade resultou em atrair muitos filhos para Deus, frutos de seu sacrifício – “E eu, quando for levantado da terra, atrairei todos a mim mesmo”, Jo 12.32.

Jesus acrescenta ainda, que seus verdadeiros discípulos, jamais podem se prender à vida terrena em profunda afeição, uma vez que, o amor que podem desenvolver pela vida mundana os tornam estéreis no reino de Deus, contrariando o princípio para o qual foram chamados – “Não fostes vós que me escolhestes a mim; pelo contrário, eu vos escolhi a vós outros e vos designei para que vades e deis fruto, e o vosso fruto permaneça”, Jo 15.16.

No dizer do Senhor, precisamos morrer pelos prazeres mundanos, odiar a vida enganosa no presente mundo, ao mesmo tempo em que devemos preservar nossas vidas em Deus para a eternidade.

Amar a vida (grego psyche) no dizer de Cristo, é a mesma coisa que perdê-la, e aqueles que aborrecem, ou que amam menos a vida terrena, estarão guardando, preservando, a verdadeira vida que durará para a eternidade,

Lc 14.26-27, “26 Se alguém vem a mim e não aborrece a seu pai, e mãe, e mulher, e filhos, e irmãos, e irmãs e ainda a sua própria vida, não pode ser meu discípulo. 27 E qualquer que não tomar a sua cruz e vier após mim não pode ser meu discípulo”.

Em resumo, quando morremos para vida e os desejos mundanos, estamos nos tornando aptos, prontos, para viver uma vida de frutificação no reino!

- O amor é maior que qualquer empreendimento social e sacrificial – “E ainda que eu distribua todos os meus bens entre os pobres e ainda que entregue o meu próprio corpo para ser queimado, se não tiver amor, nada disso me aproveitará”, 1Co 13.3.

Mesmo que eu gaste toda a minha vida me dedicando inteiramente às questões sociais, ao ponto de entregar tudo o que possuo aos pobres, e ainda que eu possa oferecer a minha vida em lugar de alguém, se nessas atitudes não houver o amor, Paulo conclui: “nada disso terá qualquer proveito”.

Certamente precisamos nos empenhar em favor dos menos favorecidos, pois isso é

mandamento bíblico. A Palavra de Deus nos fala que o não atender o clamor do pobre, traz consequências em nossa vida e relacionamento com Deus – “O que tapa o ouvido ao clamor do pobre também clamará e não será ouvido”, Pv 21.13.

Porém, mesmo que trabalhemos com todos os esforços no atendimento aos necessitados, se isso for feito sem amor, sem compaixão, ou sem misericórdia, ainda que isso pareça louvável aos olhos dos homens, não nos trará qualquer merecimento diante de Deus.

Devemos saber que ao fazermos qualquer benesse aos nossos semelhantes, devemos

fazer como se estivéssemos fazendo para Deus,

Cl 3.23-24, “23 Tudo quanto fizerdes, fazei-o de todo o coração, como para o Senhor e não para homens, 24 cientes de que recebereis do Senhor a recompensa da herança. A Cristo, o Senhor, é que estais servindo”.

Embora esse texto tenha uma abrangência ampla para tudo o que fizermos para Deus, pode muito bem ser aplicado no contexto específico que estamos falando, ou seja, no auxílio aos necessitados! A expressão “fazer de coração” nos traz a mesma ideia de “fazer com amor”, “fazer com compaixão”, exercitando a misericórdia.



Quando fazemos o que fazemos com amor, com certeza, receberemos do Senhor “a recompensa da herança”. Essa “recompensa da herança”, que tem a ver com créditos divinos e galardões, em nosso favor,

Mt 10.42, “E quem der a beber, ainda que seja um copo de água fria, a um destes pequeninos, por ser este meu discípulo, em verdade vos digo que de modo algum perderá o seu galardão”.

Certamente quando fazemos a obra de Deus com amor e dedicação, nosso trabalho subirá à presença de Deus em aroma suave. Devemos entender que antes de amarmos a Deus, ele em sua infinita bondade, nos amou primeiro ao entregar-se por nós no Calvário,

na pessoa de Cristo - “Nós amamos porque ele nos amou primeiro”, 1Jo 4.19.

Por todo o Novo Testamento podemos ver as evidências do amor de Deus derramado em nosso favor,

1Jo 4.10, “Nisto consiste o amor: não em que nós tenhamos amado a Deus, mas em que ele nos amou e enviou o seu Filho como propiciação pelos nossos pecados”.

Jo 3.16, “Porque Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna”.

Ef 5.2, “... andai em amor, como também Cristo nos amou e se entregou a si mesmo por nós, como oferta e sacrifício a Deus, em aroma suave”.

Destaco nos textos acima as frases: “ele nos amou e enviou o seu Filho”, “amou ao mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito”, “entregou a si mesmo por nós, como oferta e sacrifício a Deus, em aroma suave”. Em todas essas frases, podemos ver a demonstração do amor de Deus para com o miserável pecador – “Mas Deus prova o seu próprio amor para conosco pelo fato de ter Cristo morrido por nós, sendo nós ainda pecadores”, Rm 5.8.

Por que devemos praticar as obras sociais em amor?

a) Em primeiro lugar, porque haverá um juízo final no qual seremos cobrados acerca de obras praticadas ou para o bem ou para o mal,

Mt 25.31-46, “31 Quando vier o Filho do Homem na sua majestade e todos os anjos com ele, então, se assentará no trono da sua glória; 32 e todas as nações serão reunidas em sua presença, e ele separará uns dos outros, como o pastor separa dos cabritos as ovelhas; 33 e porá as ovelhas à sua direita, mas os cabritos, à esquerda; 34 então, dirá o Rei aos que estiverem à sua direita: Vinde, benditos de meu Pai! Entrai na posse do reino

que vos está preparado desde a fundação do mundo. 35 Porque tive fome, e me destes de comer; tive sede, e me destes de beber; era forasteiro, e me hospedastes; 36 estava nu, e me vestistes; enfermo, e me visitastes; preso, e fostes ver-me. 37 Então, perguntarão os justos: Senhor, quando foi que te vimos com fome e te demos de comer? Ou com sede e te demos de beber? 38 E quando te vimos forasteiro e te hospedamos? Ou nu e te vestimos? 39 E quando te vimos enfermo ou preso e te fomos visitar? 40 O Rei, respondendo, lhes dirá: Em verdade vos afirmo que, sempre que o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes. 41 Então, o Rei dirá também aos que estiverem à sua esquerda: Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno, preparado

para o diabo e seus anjos. 42 Porque tive fome, e não me destes de comer; tive sede, e não me destes de beber; 43 sendo forasteiro, não me hospedastes; estando nu, não me vestistes; achando-me enfermo e preso, não fostes ver-me. 44 E eles lhe perguntarão: Senhor, quando foi que te vimos com fome, com sede, forasteiro, nu, enfermo ou preso e não te assistimos? 45 Então, lhes responderá: Em verdade vos digo que, sempre que o deixastes de fazer a um destes mais pequeninos, a mim o deixastes de fazer. 46 E irão estes para o castigo eterno, porém os justos, para a vida eterna”.

Muitas vezes, e entendendo de maneira errada o ensino da carta de Paulo aos Efésios, achamos que não precisamos

praticar obras de amor em favor do nosso próximo – “8 Porque pela graça sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós; é dom de Deus; 9 não de obras, para que ninguém se glorie”, Ef 2.8-9.

Isso acontece porque nos esquecemos de olhar para o v.10, que é um complemento da salvação que recebemos gratuitamente em Cristo – “Pois somos feitura dele, criados em Cristo Jesus para boas obras, as quais Deus de antemão preparou para que andássemos nelas”.

Observe o fato de que Deus deseja que nós “andemos em boas obras”. Devemos praticar obras em amor para que no dia em que

estivermos diante do tribunal de Cristo, não sejamos envergonhados,

2Co 5.10, “Porque importa que todos nós compareçamos perante o tribunal de Cristo, para que cada um receba segundo o bem ou o mal que tiver feito por meio do corpo”.

1Co 3.12-15, “12 Contudo, se o que alguém edifica sobre o fundamento é ouro, prata, pedras preciosas, madeira, feno, palha, 13 manifesta se tornará a obra de cada um; pois o Dia a demonstrará, porque está sendo revelada pelo fogo; e qual seja a obra de cada um o próprio fogo o provará. 14 Se permanecer a obra de alguém que sobre o fundamento edificou, esse receberá galardão; 15 se a obra de alguém se queimar, sofrerá



ele dano; mas esse mesmo será salvo, todavia, como que através do fogo”.

b) Em segundo lugar precisamos saber as obras que praticamos em amor glorificam a nosso Pai Celestial. Foi isso que Jesus disse: “Assim brilhe também a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai que está nos céus”, Mt 5.16.

Quando Paulo estava arrecadando recursos para os irmãos pobres de Jerusalém, falou aos coríntios que suas ofertas em amor, renderiam “graças a Deus”, e ao mesmo tempo, a obediência deles em atender as necessidades dos irmãos, glorificariam o nome do Senhor,

1Co 9.12-15, “12 Porque o serviço desta assistência não só supre a necessidade dos santos, mas também redundando em muitas graças a Deus, 13 visto como, na prova desta ministração, glorificam a Deus pela obediência da vossa confissão quanto ao evangelho de Cristo e pela liberalidade com que contribuís para eles e para todos, 14 enquanto oram eles a vosso favor, com grande afeto, em virtude da superabundante graça de Deus que há em vós. 15 Graças a Deus pelo seu dom inefável!”.

Veja que a liberalidade nas contribuições dos corintos, realizadas com amor para ajudar aos irmãos necessitados, motivaram os irmãos que receberam ajuda, a orar por eles

com “grande afeto”, reconhecendo a “superabundante graça de Deus”, da qual estavam eles desfrutando. Além disso, essas ofertas realizadas com amor glorificaram a Deus, pois redundaram em “muitas graças a Deus”!

c) Em terceiro lugar, devemos saber as obras feitas em amor, se tornam uma evidência de uma vida cheia de fé. Tiago ao escrever sua carta deixou essa verdade muito clara,

Tg 2.14-17, “14 Meus irmãos, qual é o proveito, se alguém disser que tem fé, mas não tiver obras? Pode, acaso, semelhante fé salvá-lo? 15 Se um irmão ou uma irmã estiverem carecidos de roupa e necessitados do alimento cotidiano, 16 e qualquer dentre

vós lhes disser: Ide em paz, aquecei-vos e fartai-vos, sem, contudo, lhes dar o necessário para o corpo, qual é o proveito disso? 17 Assim, também a fé, se não tiver obras, por si só está morta”.

Na expressão “fé morta”, temos na língua original a palavra “nekros” – “falecido”, “sem vida”. Precisamos entender que ter uma “fé morta” é o mesmo que ter uma “fé inexistente”, “inoperante”. A fé viva, certamente irá produzir obras em amor a favor de nossos semelhantes, e das pessoas necessitadas. Podemos dizer ainda, que se a fé está viva, será acompanhada de obras, e se não tem obras, está morta.

Olhando para o salmo 37, notamos que nesse salmo é claramente enfatizada a bondade do justo! No v.3, temos: “Confia no Senhor e faze o bem”. No mesmo salmo, no v.21, o justo é aquele que “se compadece e dá”. Notamos ainda, no v.26, que o homem justo “é sempre compassivo e empresta”.

Através das bênçãos de Deus em sua vida, o salmista, demonstra atitudes de bondade para com seu próximo, as quais o levarão a colher pelo menos três benefícios:

O primeiro benefício é que o justo não será envergonhado nos dias maus, e nos dias de fome sobre terra, v.19, “Não serão envergonhados nos dias do mal e nos dias da fome se fartarão”.

Isso significa que mesmo sobrevivendo a fome, tal homem ficará satisfeito, e não passará vergonha, humilhação em razão de privações! Certamente Deus irá encontrar uma maneira de trazer provisão para os seus filhos, mesmo quando os outros não têm nada.

Em relação aos “outros”, os “ímpios”, a ideia do texto hebraico, de acordo com Adam Clarke, ao analisar alguns manuscritos antigos, é que eles serão consumidos como a gordura dos cordeiros durante os sacrifícios. Em outras palavras, assim como a gordura era totalmente consumida nos sacrifícios pelo fogo, quando colocada sobre o altar, eles serão consumidos no fogo da ira de Deus.

A grande verdade, é que, enquanto que os “outros”, os “ímpios”, os homens sem Deus, terão falta de provisões, sendo alvos do juízo de Deus, os “justos” serão abastecidos, provisionados, por Deus!

O segundo benefício é que, os passos do justo, são firmados por Deus, para que não caia, e seu coração é cheio de alegria no caminho em que se conduz, v.23-24, “O Senhor firma os passos do homem bom e no seu caminho se compraz, se cair, não ficará prostrado, porque o SENHOR o segura pela mão”.

Novamente, de acordo com Adam Clarke, “Geber, a palavra original para “homem”, significa propriamente um homem forte, um

conquistador ou herói; e parece ser usado aqui para mostrar que mesmo os mais poderosos devem ser apoiados pelo Senhor, caso contrário, sua força e coragem serão de pouco valor”.

À medida que, esse homem busca ao Senhor, e nele se deleita, se compraz, descobre que sua vida irá satisfazer a “boa”, “agradável”, e “perfeita”, vontade de Deus,

Rm 12.1-2, “1 Rogo-vos, pois, irmãos, pelas misericórdias de Deus, que apresenteis o vosso corpo por sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional. 2 E não vos conformeis com este século, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente, para que experimenteis qual



seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus”.

Embora esse homem possa cair, (no sentido de tropeçar), não cairá de fato, ou seja, não será totalmente abatido, não ficará prostrado jamais! Isso acontece não em razão de sua própria força, ou bondade interna, mas porque o Senhor o sustém e o mantém de pé.

O terceiro benefício é que, durante toda a sua vida o justo será amparado pelo Senhor, e esse amparo será extensivo a sua descendência - “Fui moço e já, agora, sou velho, porém jamais vi o justo desamparado, nem a sua descendência a mendigar o pão, v.25”.

Com certeza, nessa altura de seu salmo, Davi testemunha a sua própria experiência! Ele observou durante toda a sua vida, que Deus se importa com aqueles que nele confiam, e que andam em seus caminhos. Tais pessoas jamais foram abandonadas, e seus descendentes também puderam provar as bênçãos divinas em sua plenitude!

Contemplando a fidelidade de Deus ao seu povo, Davi queria que a geração mais jovem também confiasse nele, aprendendo os princípios da provisão divina. Ele tinha conhecimento de que, entre seus ancestrais, mais precisamente a família de Noemi e Elimeleque, havia deixado Israel, em uma época de fome (Rt 1).

Quando a única remanescente da família voltou acompanhada de sua nora Rute, depois de alguns anos desastrosos na terra de Moabe, veio descobrir que o povo de Belém, lugar de onde havia saído, tinha sido sustentado pela provisão divina. Deus sabe cuidar daqueles que confiam nele em tempos de fome, e escassez,

Sl 40.17, “Eu sou pobre e necessitado, porém o Senhor cuida de mim; tu és o meu amparo e o meu libertador; não te detenhas, ó Deus meu”.

Mt 6.26, “Observai as aves do céu: não semeiam, não colhem, nem ajuntam em celeiros; contudo, vosso Pai celeste as

sustenta. Porventura, não valeis vós muito mais do que as aves?”.

Voltando para a ideia principal que estamos discutindo, observamos no Novo Testamento, que a igreja de Jerusalém, em seus primeiros anos, praticou a multiplicação de boas obras, uma vez que os irmãos vendiam suas propriedades, para entregar os valores da venda aos apóstolos.

Os recursos arrecadados não foram usados na construção de templos, casas ou quaisquer outros empreendimentos semelhantes, mas serviram para alimentar os pobres. No texto de Atos dos Apóstolos, temos a informação de que entre eles, “não havia nenhum necessitado”,

At 4.32, 34-35, “32 Da multidão dos que creram era um o coração e a alma. Ninguém considerava exclusivamente sua nem uma das coisas que possuía; tudo, porém, lhes era comum. 34 Pois nenhum necessitado havia entre eles, porquanto os que possuíam terras ou casas, vendendo-as, traziam os valores correspondente, 35 e depositavam aos pés dos apóstolos; então, se distribuía a qualquer um à medida que alguém tinha necessidade”.

Porém, devemos saber: Embora venhamos a fazer grandes boas obras, para atender as necessidades dos menos favorecidos, elaborando projetos sociais para os carentes, não fizermos isso com amor, tudo será

perdido e sem qualquer crédito diante de Deus!

- O amor tem virtudes incomparáveis – “4 O amor é paciente, é benigno; o amor não arde em ciúmes, não se ufana, não se ensoberbece, 5 não se conduz inconvenientemente, não procura os seus interesses, não se exaspera, não se ressentido do mal; 6 não se alegra com a injustiça, mas regozija-se com a verdade; 7 tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta”.

Abaixo tentaremos examinar mais profundamente, de acordo com o texto, as virtudes do amor verdadeiro:

a) "O amor é paciente".

O termo "paciente" vem do verbo grego "makrothumeo" que é composto das palavras: "makros" que significa "longe", e "thumos" que significa "raiva", "ira". Em outras palavras, "makrothumeo" significa "afastar-se antes de ser envolvido pela ira". O oposto disso é o "temperamento curto, descontrolado".

"Makrothumeo" tem ainda o significado de ser paciente com as pessoas, mais do que ser paciente com as situações de pressão. O amor não se irrita com as pessoas facilmente, não perde a têmpera, mas permanece paciente, mesmo diante de situações de contrariedades.

b) "Amor é bondoso".

Outra característica do Amor é a Bondade. A palavra grega para "bondade" é a palavra "chresteuomai", que é usada apenas aqui no Novo Testamento. Contudo, foi usada de duas outras formas poucas vezes.

Numa das vezes temos o adjetivo "chrestos", enquanto que na outra temos o substantivo "chrestotes". "Chrestos" significa "bom, gentil, benevolente, benigno, ativamente benéfico apesar de sofrer ingratidão". Consequentemente, "chresteuomai" significa mostrar a própria bondade, isto é, ser gentil, bom, benévolo, mesmo que tal pessoa esteja sendo atingida por ingratidão.



c) "O amor não é invejoso".

A palavra "inveja" que é usada nesta passagem é o verbo grego "zeloo". O substantivo correspondente à palavra inveja é "zelos". "Zeloo" e "zelos" são usados tanto no sentido de bom, como para o mal. No bom sentido é usado para zelo, ardor.

Assim, por exemplo, em 1Co 14.1 somos chamados a perseguir o amor, e desejar (zeloo) as coisas do espírito. Contudo, zelos e zeloo são mais usados no sentido negativo. Neste sentido zelos significa inveja, ciúme faciosos.

Tg 3.14-16 esclarece as consequências e fonte do ciúme facioso: "Mas, se tendes

amarga inveja (zelos), e sentimento faccioso em vosso coração, não vos glorieis, nem mintais contra a verdade. Essa não é a sabedoria que vem do alto, mas é terrena, animal e diabólica. Porque onde há inveja (zelos) e espírito faccioso aí há perturbação e toda a obra perversa".

A fonte da inveja e do ciúme é a carne, a natureza antiga daquele que agora vive em Cristo,

Gl 5.20-21, "20 Idolatria, feitiçaria, inimizades, porfias, emulações, iras, pelejas, dissensões, heresias, 21 Invejas, homicídios, bebedices, glotonarias, e coisas semelhantes a estas, acerca das quais vos declaro, como já antes

vos disse, que os que cometem tais (*coisas*) não herdarão o reino de Deus”.

O ciúme se alegra com o sofrimento alheio, e sofre quando o outro está alegre, portanto, uma situação muito contrária ao ensino da Palavra de Deus,

1Co 12.26, “De maneira que, se um membro padece, todos os membros padecem com ele; e, se um membro é honrado, todos os membros se regozijam com ele”.

Porém, ao contrário, considerando que o amor não é invejoso, quando você ama, você se alegra quando eu me alegro, e sofre quando eu sofro.

d) "O amor não vangloria".

A palavra traduzida para "vangloriar" aqui é o verbo grego "perpereuomai" que significa "mostrar-se a si mesmo um leviano e fanfarrão". É o tipo de comportamento que continuamente diz: "eu consegui, eu tenho, eu fiz,...etc."

A palavra "eu" é frequentemente usada por pessoas que carregam esse tipo de sentimento. Como cristãos, às vezes fazemos o mesmo. Nós dizemos: "eu fiz para o Senhor...", "eu tenho orado muito", "eu gastei muito tempo estudando a Bíblia hoje", "eu sei disto e daquilo da Bíblia".

Essas atitudes significam que eu desejo me aparecer mais digno que os outros, e que provavelmente, considero que os outros não possuem a capacidade para fazer o que eu faço.

Contudo, quando amamos de fato, não nos vangloriamos, porque reconhecemos que não há nada que nos faça diferente de qualquer outro irmão ou irmã da comunidade,

1Co 4.7, "Porque, quem te faz diferente? E que tens tu que não tenhas recebido? E, se o recebeste, por que te glorias, como se não o houveras recebido?".

Tudo que temos, foi nos dado por Deus, e nada fizemos por merecer. É por isso que não

temos o direito de nos vangloriarmos de coisa alguma, ou de alguém senão do Senhor,

1Co1.31, "Para que, como está escrito: Aquele que se gloria glorie-se no Senhor"

Como então, podemos nos gloriar de nossas habilidades, valor ou mesmo devoção? Quando amamos de fato, não fazemos isto. O verdadeiro amor nos leva a nos vangloriarmos apenas no Senhor, e tão somente nele.

e) "O amor não se orgulha".

Outra coisa que o amor não faz é se orgulhar em quaisquer que sejam as situações. A palavra grega para "orgulhar-se" é "fusioo"

que literalmente significa "vangloriar, esnobar, inchar". No Novo Testamento essa palavra é usada sete vezes, e seis delas apenas em 1Co 2.

Em todos os casos em que a palavra é usada, está no sentido metafórico, e sempre com o significado de orgulho.

Uma característica desta palavra podemos ver em 1Co 8.1-3, onde lemos:

"Ora, no tocante às coisas sacrificadas aos ídolos, sabemos que todos temos ciência. A ciência incha (fusioo), mas o amor edifica. E, se alguém cuida saber alguma coisa, ainda não sabe como convém saber. Mas, se alguém ama a Deus, esse é conhecido dele".

A ciência incha, e torna o indivíduo orgulhoso, dono de si mesmo! Não podemos estudar a bíblia apenas para adquirirmos conhecimento, mas para conhecermos a Deus, que revela a si mesmo, através de sua Palavra,

1Jo 4.8, "Aquele que não ama não conhece a Deus; porque Deus é amor".

Sem amor, não chegaremos ao conhecimento perfeito de Deus, ainda que estejamos cheios do conhecimento das Escrituras. Se a ciência permanece meramente como ciência, e não é acompanhada pelo amor, então, o resultado é a soberba, o orgulho! Esse sentimento é mais do que contrário ao amor verdadeiro.



f) "O amor não se conduz inconvenientemente".

Outra coisa que amor não faz é "maltratar" e "machucar" as pessoas. Na tradução da BLH temos o seguinte: "Quem ama não é grosseiro nem egoísta". A expressão "não se conduz inconvenientemente" vem do verbo grego "aschemoneo" que significa "comportar-se de maneira indecente", "agir com deformidade moral", "agir de forma inadequada".

Essa palavra é usada na carta de Paulo aos romanos para se referir ao pecado da homossexualidade,

Rm 1.27, “semelhantemente, os homens também, deixando o contato natural da mulher, se inflamaram mutuamente em sua sensualidade, cometendo torpeza, homens com homens, e recebendo, em si mesmos, a merecida punição do seu erro”.

No texto de Paulo, encontramos a palavra "aschemosune", que é traduzida por “torpeza”, com o significado de “inconveniência”, “ação imprópria”, “algo vergonhoso”.

O amor não se porta com imoralidade, ou modos impróprios! Quando o comportamento imoral de uma pessoa é verificado, podemos dizer que esse comportamento é produto de apenas uma fonte - o homem velho, cuja

natureza ainda não foi transformada por Cristo. As características desse homem são relacionadas na carta aos efésios,

Ef 4.17-19, “17 Isto, portanto, digo e no Senhor testifico que não mais andeis como também andam os gentios, na vaidade dos seus próprios pensamentos, 18 obscurecidos de entendimento, alheios à vida de Deus por causa da ignorância em que vivem, pela dureza do seu coração, 19 os quais, tendo-se tornado insensíveis, se entregaram à dissolução para, com avidez, cometerem toda sorte de impureza”.

De acordo com o escritor da carta, esse comportamento é muito comum nos “gentios”, naqueles que “são alheios à vida de Deus”.

Porém, esse mesmo comportamento, não pode ser comum naqueles que foram alcançados pela graça de Deus.

Por essa razão, o apóstolo prossegue mostrando que os verdadeiros crentes já foram despojados do “homem velho”, e revestidos do “homem novo”,

Ef 4.22-24, “22 no sentido de que, quanto ao trato passado, vos despojeis do velho homem, que se corrompe segundo as concupiscências do engano, 23 e vos renoveis no espírito do vosso entendimento, 24 e vos revistais do novo homem, criado segundo Deus, em justiça e retidão procedentes da verdade”.

O “novo homem, criado segundo Deus”, não pode viver na corrupção, nas “concupiscências do engano”, mas precisa ser renovado no “espírito de entendimento”, além de ser revestido em “justiça e retidão procedentes da verdade”.

Observe a ênfase em três palavras importantes: “justiça”, “retidão”, e “verdade”, virtudes essenciais naqueles que tem Jesus como Senhor e Salvador de suas vidas.

g) "O amor não busca interesses próprios".

Algo mais que amor não faz é buscar seus próprios interesses. A frase "seus próprios interesses" é o adjetivo grego "eautou", cujo significado é centrado no “eu”, na própria

pessoa. Existem outros textos na Palavra de Deus que nos instrui a não buscar os nossos próprios interesses,

Rm 15.1-3, "Mas nós, que somos fortes, devemos suportar as fraquezas dos fracos, e não agradar a nós mesmos [eautou]. Portanto cada um de nós agrade ao seu próximo no que é bom para edificação. Porque também Cristo não agradou a si mesmo (eautou), mas, como está escrito: Sobre mim caíram as injúrias dos que te injuriavam".

1Co 10.23-24, "Todas as coisas me são lícitas, mas nem todas as coisas convêm; todas as coisas me são lícitas, mas nem todas as coisas edificam. Ninguém busque o

proveito próprio (eautou); antes cada um o que é de outrem".

Quando caminhamos no amor não buscamos agradar a nós mesmos, fazendo de nós o centro de nossas atividades (individualismo). Ao contrário, através do servir a Deus nós buscamos servir e agradar aos outros.

Foi o que Jesus Cristo fez. Ele serviu a Deus por amor e jamais buscou sua autossatisfação. É por isso que ele foi ao extremo da cruz,

Fp 2.7-11, "Mas (Jesus) esvaziou-se a si mesmo (eautou), tomando a forma de servo, fazendo-se semelhante aos homens; E, achado na forma de homem, humilhou-se a si

mesmo (eautou), sendo obediente até à morte, e morte de cruz. Por isso, (como consequência) também Deus o exaltou soberanamente, e lhe deu um nome que é sobre todo o nome; Para que ao nome de Jesus se dobre todo o joelho dos que estão nos céus, e na terra, e debaixo da terra, E toda a língua confesse que Jesus Cristo é o Senhor, para glória de Deus Pai".

Por causa do amor que Jesus tinha por nós, ele se esvaziou entregando-se à morte na cruz, assumindo a nossa culpa. Será que foi algo realizado em vão, e que terminou em uma perda pessoal? Evidentemente que não! Ao contrário, por ele ter feito isto, Deus o exaltou soberanamente.



Da mesma forma, quando amamos, e colocamos de lado nossos interesses particulares, nossos interesses de si mesmo, e damos nossa prioridade e atenção a Deus e aos nossos irmãos de caminhada, somos exaltados pelo Senhor.

É preciso deixar claro aqui, que quando falamos de "interesses particulares", não estamos nos referindo as nossas obrigações particulares, coisas que temos que cuidar como parte da vida.

Queremos acentuar ainda, que não podemos perder tempo em empreendimentos e hobbies, que não trazem glória a Deus, mas apenas satisfazem a carne, incham o homem

velho, o que impede a nossa dedicação a Deus, e aos nossos irmãos.

Ao darmos prioridade não a nós mesmos, mas a Deus e seu povo, o resultado não será uma perda pessoal, mas estamos angariando galardões, tanto para a vida terrena, quando para a vida no céu,

Jo 12.25-26, "Quem ama a sua vida perdê-la-á, e quem neste mundo odeia a sua vida, guardá-la-á para a vida eterna. Se alguém me serve, siga-me, e onde eu estiver, ali estará também o meu servo. E, se alguém me servir, meu Pai o honrará".

Mc 10.29-30, "Em verdade vos digo que ninguém há que tenha deixado casa, ou

irmãos, ou irmãs, ou pai, ou mãe, ou mulher, ou filhos, ou campos, por amor de mim e do evangelho, que não receba cem vezes tanto, já neste tempo, em casas, e irmãos, e irmãs, e mães, e filhos, e campos, com perseguições; e no século futuro a vida eterna".

Quantos investimentos nós conhecemos, que nos trarão retorno de cem vezes neste tempo, com vantagens para a vida eterna? Exceto deixar de buscar nossos próprios interesses, e buscar as coisas de Deus, e de nossos irmãos e irmãs de fé, eu não conheço qualquer outro investimento.

Para concluir esse ponto: Podemos nos tornar individualistas, alimentando a carne e

suas vontades para perdemos tudo. Porém, se amarmos as coisas de Deus, e aos irmãos e irmãs de fé, teremos o retorno de “cem vezes mais”, garantido pelo próprio Deus em sua Palavra.

h) "O amor não se irrita".

A palavra “irritar” vem do termo grego "paroxuno", que literalmente significa “afiar por esfregar em alguma coisa”, “aguçar”, “incitar”, “exasperar”.

É óbvio que provocação e a raiva não podem coexistir com o amor sincero, porque eles se opõem. Precisamos cuidar para não sermos envolvidos pela ira!

Sabemos que a ira prolongada certamente nos levará ao pecado e nos trará consequências terríveis,

Sl 4.4, “Irai-vos e não pequeis; consultai no travesseiro o coração e sossegai”.

Ef 4.26, “Irai-vos e não pequeis; não se ponha o sol sobre a vossa ira”.

No texto de salmos, o escritor nos exorta a resolvermos nossos acessos de ira, antes de dormir, para relaxarmos, e desfrutarmos de um sono tranquilo; na carta aos efésios, o conselho de Paulo é para não permitirmos que o sol se ponha, sem antes tratarmos seriamente com a nossa ira.

Em ambos os textos, temos o ensino de que a ira não resolvida, certamente nos trará problemas, e nos levará a pecarmos,

Pv 29.22, “O iracundo levanta contendas, e o furioso multiplica as transgressões”.

Observe como o iracundo cria contendas, e em suas reações “multiplica transgressões”. A palavra “transgressão” significa “infringir”, “violar”, “cometer infração”. Tem a ver com a violação, ou não cumprimento de uma lei, ordem ou regulamento.

Enquanto que o iracundo espalha contendas, aquele que é longânimo e controla suas ações, apazigua conflitos – “O homem iracundo suscita contendas, mas o longânimo

apazigua a luta”, Pv 15.18. Ser longânimo é ser paciente ao extremo. O longânimo pode parecer aos nossos olhos, alguém, mas na verdade, trata-se de uma pessoa que tem discernimento e sensatez, para resolver as adversidades da vida, sem a necessidade de usar a força física, ou agir de modo irracional.

Outro conselho que é bem sugestivo em relação à ira, podemos encontrar salmo 37.8 – “Deixa a ira, abandona o furor; não te impacientes; certamente, isso acabará mal”. De acordo com a instrução do salmista, a falta de cuidado, e tratamento com a “ira”, pode ser resumida em duas frases: “não te impacientes”, e “isso acabará mal”!

Sabemos a que ponto pode chegar uma pessoa que não controla seu temperamento tempestivo! Muitas mortes, e atos de extrema violência, poderiam ser evitados, simplesmente se aquele que está dominado pela ira, buscasse o controle sensato antes de agir!

Com certeza, a ira não controlada nos levará a sofrer “danos irreparáveis”, e amargar consequências terríveis,

Pv 19.19, “Homem de grande ira tem de sofrer o dano; porque, se tu o livrares, virás ainda a fazê-lo de novo”.

A palavra “dano” vem do termo hebraico “onesh”, e significa “multa”, “penalidade”,



“indenização”. Esse homem caracterizado em provérbios, por não controlar seus acessos de raiva, fará coisas pelas quais será penalizado! Poderá ter que arcar com os custos de uma reparação financeira, ou uma indenização judicial em favor da parte que foi prejudicada!

Lendo o livro de Eclesiastes, temos a informação de que a ira descontrolada, se aloja no íntimo dos insensatos e ignorantes,

Ec 7.9, “Não te apresses em irar-te, porque a ira se abriga no íntimo dos insensatos”.

A palavra “insensato” tem como significado: “tolo”, “estupido”, “louco”, “idiota”. Tem a ver com alguém que não age pela razão, e que é conduzido apenas por instintos insanos e

irracionais. Tais indivíduos em suas ações podem ser comparados a animais irracionais!

## **COMO CONTROLAR A IRA?**

- Para controlarmos a ira, precisamos entender o amor de Deus.

Sabemos que o pecado é um enorme insulto contra Deus, mas Deus, em razão de seu amor, escolheu nos perdoar, em Cristo Jesus,

Is 43.25, “Eu, eu mesmo, sou o que apago as tuas transgressões por amor de mim e dos teus pecados não me lembro”.

Quando entendemos o amor de Deus, e nos arrependemos, crendo em Jesus, recebemos

o seu perdão e a sua graça! O sacrifício de Jesus na cruz do Calvário apagou a ira de Deus contra nossos pecados.

Deus escolheu nos amar, sem qualquer ressentimento – “Ora, não levou Deus em conta os tempos da ignorância; agora, porém, notifica aos homens que todos, em toda parte, se arrependam”, At 17.30.

Quando ficamos com raiva, por qualquer motivo, devemos nos lembrar de que Deus também fica com raiva de nós, mas por causa de seu amor, estabelece sua misericórdia em nosso favor.

- Para controlarmos a ira, precisamos aprender a perdoar.

Perdoar é muito difícil, e só conseguimos exercer o perdão com a ajuda de Deus. Quando nos colocamos diante dele com sinceridade, ele nos auxiliará a perdoar. Quando pensamos no que outra pessoa nos fez, ficamos com raiva, mas devemos escolher perdoar,

Ef 4.31-32, “31 Longe de vós, toda amargura, e cólera, e ira, e gritaria, e blasfêmias, e bem assim toda malícia. 32 Antes, sede uns para com os outros benignos, compassivos, perdoando-vos uns aos outros, como também Deus, em Cristo, vos perdoou”.

Precisamos orar a Deus, pedir forças e, simplesmente liberar o perdão.

Perdoar não implica fingir que nada de errado aconteceu, mas significa deixar a justiça nas mãos de Deus, até mesmo porque “... a ira do homem não produz a justiça de Deus”, Tg 1.20.

Jamais iremos conseguir estabelecer a verdadeira justiça, mas Deus consegue. Deixemos com ele, e larguemos a raiva – “não vos vingueis a vós mesmos, amados, mas dai lugar à ira; porque está escrito: A mim me pertence a vingança; eu é que retribuirei, diz o Senhor, Rm 12.19.

- Para controlarmos a ira, precisamos aprender a ignorar ofensas.

Certas coisas são pequenas demais para merecer nossos acessos de raiva. Por vezes precisamos simplesmente ignorar as ofensas que são dirigidas contra nós.

Não devemos nos irritar contra aquele vizinho que nunca responde, quando o cumprimentamos com um bom dia; não devemos responder aos insultos daquele que nos provoca no trânsito. Não vale a pena! Procuremos sempre manter uma perspectiva equilibrada daquilo que é importante,

Pv 19.11, “A discrição do homem o torna longânimo, e sua glória é perdoar as injúrias”.

Em certas situações, alguém pode fazer coisas sem pensar ou sem achar que está

nos machucando. Antes de explodir, tentemos entender por que estão agindo dessa maneira. Isso irá nos ajudar a ignorar muitas ofensas, porque muitas vezes aquela pessoa não quer nos fazer mal.

- Para controlarmos a ira, precisamos aprender a pensar antes de falar.

Quando estamos com raiva, o mais difícil é controlar a língua. Se respondermos de maneira áspera a outra pessoa, certamente a resposta dela virá também com aspereza, e isso vai piorar a situação. Gritar, falar mal, insultar somente causarão mais problemas,

Pv 15.1, “A resposta branda desvia o furor, mas a palavra dura suscita a ira”.

Antes de responder a qualquer ofensa, devemos respirar fundo, e organizar nossas ideias. Se precisarmos dar uma explicação por que estamos zangados, pensemos em como podemos explicar nossa perspectiva sem lançar mão de insultos.

Qual foi a ação que nos deixou irado e por quê? Caso não tenha sido de propósito, a outra pessoa não poderá adivinhar a razão. Em vez de machucar o outro, procure sempre a reconciliação,

Rm 12.18, “se possível, quanto depender de vós, tende paz com todos os homens”.



- Para controlarmos a ira, precisamos aprender a escolher o bem.

A melhor maneira de nos vingarmos é não deixar o mal vencer, principalmente quando a outra pessoa está tentando nos provocar. Nossa verdadeira luta não é contra pessoas, mas contra o mal.

Quando ficamos enraivecidos, devemos direcionar essa raiva contra o pecado e, com a força que a raiva lhe dá, escolhamos em fazer melhor,

Rm 12.20-21, “20 Pelo contrário, se o teu inimigo tiver fome, dá-lhe de comer; se tiver sede, dá-lhe de beber; porque, fazendo isto, amontoarás brasas vivas sobre a sua cabeça.

21 Não te deixes vencer do mal, mas vence o mal com o bem”.

Procuremos fazer o bem a quem nos provoca raiva. Ainda que não possamos fazer mais nada para resolver a situação, podemos orar pela pessoa, pedindo ao Senhor que a abençoe e que transforme sua vida. Isso, com certeza fará com que nosso amor cresça, e nos ajudará a controlar a raiva.

Podemos também usar a raiva como uma força motivadora, e assim fazemos a diferença. Certas pessoas mudaram o mundo para melhor, porque quando ficaram enraivecidas diante da injustiça, escolheram lutar para mudar a situação, e não o caminho

da vingança. Devemos aprender a usar a energia explosiva para coisas positivas!

- Para controlarmos a ira, precisamos aprender a pedir perdão.

Algumas vezes não iremos conseguir controlar a raiva. Isso pode acontecer com as melhores pessoas. Por essa razão, precisamos aprender a nos humilhar diante de Deus e das pessoas pedindo perdão,

Mt 5.23-24, “23 Se, pois, ao trazeres ao altar a tua oferta, ali te lembrares de que teu irmão tem alguma coisa contra ti, 24 deixa perante o altar a tua oferta, vai primeiro reconciliar-te com teu irmão; e, então, voltando, faze a tua oferta”.

Precisamos pedir perdão a Deus e, se tivermos oportunidade, peçamos também perdão à pessoa a quem machucamos, ou ofendemos. Além de nos ajudar a consertar o erro, isso vai nos encorajar a controlar mais a raiva.

i) "O amor não se ressentido do mal".

A Nova Versão Internacional (NVI) traduz essa frase da seguinte maneira: "o amor não guarda rancor". Ou seja, o amor cristão esquece rápida, e permanentemente, as maldades que nos foram feitas.

A palavra "ressentir" na língua grega é "logizomai", e significa "levar em conta",

“imputar”, “julgar”, “determinar”. Tem a ver com um sentimento profundo, mágoa. Quem é dominado por esse sentimento, só pensa em vingança e retaliação.

No dia a dia, observamos pessoas que trabalham anos planejando como se vingarem de alguém de as feriu, ou que as fez sofrer. Porém, quando somos alcançados por Cristo, nos tornamos novas criaturas, e agora devemos andar no amor de Deus.

Jamais podemos guardar ressentimentos, mágoas, em relação àqueles que nos fizeram qualquer mal no passado. Precisamos aprender a perdoar. Foi isso que Jesus nos ensinou na oração do Pai-Nosso, e praticou na cruz quando recebia atos de maldade,

Mt 6.12, “Perdoa as nossas ofensas como também nós perdoamos as pessoas que nos ofenderam” (BLH).

Lc 23.33-34, “33 Quando chegaram ao lugar chamado Calvário, ali o crucificaram, bem como aos malfeitores, um à direita, outro à esquerda. 34 Contudo, Jesus dizia: Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem. Então, repartindo as vestes dele, lançaram sortes”.

Podemos dizer que o verdadeiro perdão traz alívio e descanso. Alguém já disse: “Perdoar alivia o stress, reduz a pressão arterial e fortalece o sistema imunológico: todo mundo ganha ao fazer as pazes. Perdoar é o ato

consciente de abrir mão do ressentimento ou do desejo de vingança contra alguém que, de alguma forma, causou algum mal – mesmo que a pessoa não mereça” (<https://revistagalileu.globo.com>).

O amor em ação mostrará “benignidade no coração”, “ausência de ciúmes”, “ausência de soberba na vida”, “decência nas atitudes”, “exercício de mansidão”, “ausência de ressentimentos”. Ainda, aquele que vive em amor, “se alegra com a verdade” – não vive em mentiras, e, “tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta”.

Somente aquele que vive no amor de Deus, é capaz de viver acima das pretensões humanas! Não viverá na soberba de seu

coração, não criará barreiras nos relacionamentos, não será praticante da mentira. O amor cristão nos levará a suportar o sofrimento com resignação, nos levará a receber afrontas sem retaliar, e alimentará em nosso coração, a esperança com uma fé poderosa em Deus!

Somente alguém que vive em amor, é capaz de abrir mão de seus direitos, desistir de interesses próprios, sacrificar-se para o bem dos outros - “Ninguém busque o seu próprio interesse, e sim o de outrem”, 1Co 10.24.

- O amor é a maior das virtudes – “Agora, pois, permanecem a fé, a esperança e o amor, estes três; porém o maior destes é o amor”, 1Co 13.13.



Tudo nesse mundo é passageiro, até mesmo as coisas mais concretas – “O céu e a terra passarão”, Mt 24.35. Porém, três virtudes irão permanecer – a “fé”, a “esperança” e o “amor”. Porém a conclusão de Paulo é significativa – “porém o maior destes é o amor”.

## CONCLUSÃO

Terminando as considerações no presente trabalho, o que precisamos aprender é que o amor de Deus por nós, nos garante uma vida de grandes vitórias. Vivendo debaixo desse amor, podemos aprender a perdoar aqueles que nos causam dor e sofrimento, sem guardar quaisquer mágoas ou ressentimentos!

Aprendemos a considerar que Deus em Cristo, nos perdoou sem quaisquer reservas, ou limites. É isso que observamos no ensino de Paulo aos romanos quando ele disse: “Mas Deus prova o seu próprio amor para conosco pelo fato de ter Cristo morrido por nós, sendo nós ainda pecadores”, Rm 5.8.

Éramos pecadores e passíveis do juízo divino. No entanto, Deus não levou isso em conta, por causa de seu grande amor para conosco, nos concedendo graça, perdão, e misericórdia! Da mesma forma que Deus nos perdoou em Cristo, sem reservas, e sem qualquer merecimento de nossa parte, precisamos também exercer o perdão sem limites e reservas para com os nossos ofensores – “Antes, sede uns para com os outros benignos, compassivos, perdoando-vos uns aos outros, como também Deus, em Cristo, vos perdoou”, Ef 4.32.

Como vimos no decorrer desse presente trabalho, o princípio prático do perdão nos foi ensinado por Jesus na oração do Pai-Nosso –

“perdoa-nos os nossos pecados, pois também nós perdoamos a todo o que nos deve; e não nos deixes cair em tentação”, Lc 11.4. Lembrando que não somente Jesus ensinou esse princípio, mas também o viveu na prática – “Contudo, Jesus dizia: Pai, perdoai-lhes, porque não sabem o que fazem”, Lc 23.34.

Vivendo esse tremendo amor de Deus, levaremos uma vida profícua em favor dos outros. Seremos como luzeiros e exemplos numa geração totalmente corrompida de perversa – “para que vos torneis irrepreensíveis e sinceros, filhos de Deus inculpáveis no meio de uma geração pervertida e corrupta, na qual resplandeceis como luzeiros no mundo”, Fp 2.15.

Esse amor nos proporcionará uma vida de renúncias, livres do egoísmo e de interesses próprios! Seremos capazes de suportar a dor, superar o medo, perdoar sem reservas, evitar as desavenças, recobrar as forças, além de abençoarmos e ajudarmos outras pessoas de um modo que surpreenderá até a nós mesmos.